

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 85

Lisboa, 1 de Julho de 1929

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00

Dôres



desaparecem
com o
VERAMON
Schering

Que alegria vê-se livre de tais tormentos! E como se consegue facilmente este alívio com o Veramon!

É o antidoloroso de eleição contra as dores de cabeça, de dentes, e muito especialmente nas perturbações próprias das senhoras.

O VERAMON caracteriza-se:

- 1 - pela rapidez do seu efeito
- 2 - pela sua absoluta inocuidade
- 3 - por não produzir ardôres ou cansaço.

Vende-se em todas as farmácias
(Tubos de 10 e 20 comprimidos)





A CONQUISTA DO PRAZER

Da velocidade, ainda da velocidade... o vosso FIAT lança-se como um felino, pára instantaneamente em frente do obstaculo, retoma o seu «élan» e atinge os 115-120 à hora em alguns segundos.

Não sentireis o motor, mas os seus seis cilindros aspiram literalmente o horizonte. Não mudais de velocidade mas as subidas de 8 % são transpostas sem esforço. Estradas atapetadas, caminhos maus, pouco importa : o FIAT não conhece covas porque o maravilhoso equilibrio do seu chassis anula as trepidações antes mesmo que elas atinjam a carroserie.

Conforto, «souplesse», silencio, velocidade : tais são as qualidades dispersas em outros carros que os modelos da FIAT reúnem em cada um de per si.

FIAT

FIAT PORTUGUESA S. A.

Séde social : Palacio da Avenida

Stand de exposição : Avenida da Liberdade, 253
LISBOA

Vendas a credito sem aumento



A SAUDE E TODO O FUTURO
DOS VOSSOS FILHOS
DEPENDEM DA SUA ALIMENTAÇÃO

A FARINHA NESTLÉ

É O MELHOR ALIMENTO PARA CRIANÇAS. Cuidadosamente malteada, rica em leite e em vitaminas, a FARINHA NESTLÉ contém os elementos indispensáveis para a formação dos musculos e ossos das crianças.

Peçam amostras à Filial em Portugal da

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED
MILK CO. — **Rua Ivens, 11-13 — LISBOA**



Não se pode absorver impunemente qualquer bebida; ha uma que se deve usar, só ou misturada com vinho. Obtem-se deitando em agua potavel os

Lithinés da D'Gustin

que vos darão uma agua deliciosa, dissolvente do ácido úrico e combatendo as afeções dos Rins, Fígado, Bexiga, Estomago e Intestinos.

2

ÁS BOAS MÃES CATOLICAS

A "HISTORIA DO MENINO JESUS"

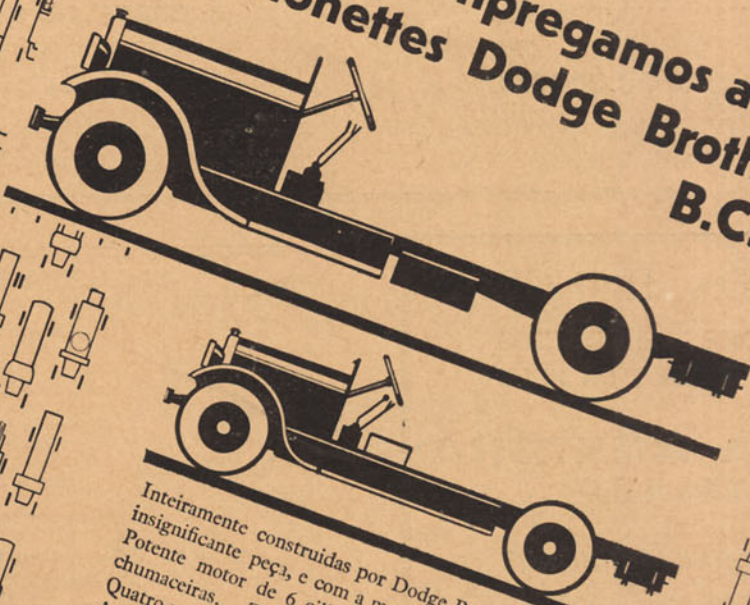
É um encantador livrinho da Biblioteca dos Pequeninos, cujo valor se revela pela Benção Apostolica enviada pelo Augusto Pontifice á sua autora, a illustre escritora D. Emilia de Sousa Costa.

É o melhor presente que as boas mães catolicas podem oferecer a seus filhos pequeninos.



A VENDA NA LIVRARIA
DO "DIARIO DE NOTICIAS"
Largo Trindade Coelho, 10 e 11
(antigo Largo de S. Roque).

**"Nós empregamos agora
18 Camionettes Dodge Brothers"
B.C.S.**



Inteiramente construídas por Dodge Brothers, desde a mais insignificante peça, e com a mestria de uma longa prática. Potente motor de 6 cilindros com cambota apoiada em 7 chumaceiras. Travões hidráulicos, internos, às 4 rodas. Quatro velocidades. Chassis reforçado de aço temperado. As principais peças são todas de aço cromo vanádio, 3 vezes mais resistente do que o aço ordinário.

As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construídas para capacidades variadas, respondendo a 95% das necessidades em transportes mecânicos. Numerosos modelos de carroçerie — um tipo para cada especialidade.

Pedir todas as informações aos representantes de Dodge Brothers. Eles vos mostrarão uma camionette que vos dará os melhores resultados com um mínimo de despesa.

**CAMIONETTES
DODGE BROTHERS**
BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA
DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

PLYMOUTH

PRODUTO DA CRYSLER MOTORS

O CARRO UTILITARIO, MAIS COMPLETO, MAIS ESPAÇOSO, MAIS RAPIDO E MAIS ECONÓMICO DA SUA CATEGORIA

DE 28.000\$00 A 33.000\$00

PARA ENTREGA IMEDIATA

PHAETONS E CONDUITES

A DESPACHO E BREVEMENTE: CAMIONETTES FARGO

Construídas por **CHRYSLER**. O nome do seu autor é garantia de perfeição



A. BEAUVALET, Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA

ANGEL BEAUVALET, Rua de Santa Catarina — PORTO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

CONSELHO DE AMIGO



V. Exa que tem a pele fina e a barba dura, sirva-se todos os dias do sabão para barba de GELLÉ FRÈRES, PARIS.

Faz muita espuma, não seca sobre a pele e deixa depois da barba uma agradável sensação de frescura.

Barbear-se com o sabão de GELLÉ FRÈRES torna-se um versádeiro prazer.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda. Rua da Madalena LISBOA



S. A. P. Serviço com aviões

JUNKERS

Vôos — Sobre Lisboa, Propaganda Comercial, Taxi a SEVILHA e a outros pontos do estrangeiro e do País

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL DA

Union Aerea Espanhola — Madrid

E

Lignes Aeriennes Farman — Paris

Vendas de bilhetes para as linhas exploradas por estas C.ªª

AV. DA LIBERDADE, 3, 3.º — Telef. N. 5710



Depositários gerais para Portugal e Colónias:

ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8 — LISBOA

Ah! Se eu tivesse um "Kodak"!

O grupo na praia - O primeiro banho de Bêbé - A visita da esquadra - Aquele original vestido - As cavalhadas - As regatas - Aquela furiosa tempestade.

Quantas vezes no decurso das vossas férias não tereis exclamado: Ah! Se eu tivesse um "Kodak"!

**Perpetue
estas férias com um
"Kodak"**

Não vos arisqueis este Verão ás mesmas amargas decepções do ano passado. Tende sempre o vosso "Kodak" á mão e estai sempre prontos a colher todas as maravilhosas surpresas que vos reservam os felises acasos das vossas férias.

**As férias passam :
ficam as vossas fotografias "Kodak".**

Nas boas casas de artigos fotogrâficos encontrareis sempre um entusiasta do sistema "Kodak" que vos auxiliará na escolha do modelo de "Kodak" que mais vos convirá, e vos ensinará o seu manço em poucos minutos

Para vos assegurar o exito :

Aparelho "Kodak". — O "Kodak" não tem senão os órgãos e acessórios indispensáveis ; com ele o amador poder á obter as melhores fotografias.

Película "Kodak". — Ao adquirirdes um rolo de Película "Kodak" - em embalagem amarela - podreis estar seguro de que obtereis boas fotografias

Papel "Velox". — As melhores provas que podereis obter de qualquer dos vossos negativos são as que tiverem impressas no verso a palavra "Velox".

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.





Agradavel e Salutar.

Cuide da vossa saúde para a conservardes por muito tempo, tomando todos os dias um pouco de saes de fructa ENO, num copo d'agua morna ou fria, conforme se preferir.

O ENO é um producto efervescente contendo muitas das propriedades beneficas da fructa fresca. Laxativo ideal muito suave e inofensivo, o ENO facilita a digestão, estimula o figado e regula o intestino. O ENO vivifica egualmente o organismo e assegura a pureza do sangue. Ha mais de 50 anos que o ENO é considerado como o guarda vigilante da saude.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSELY & Co. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o retulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

**Excentricidade em Paris
de uma riquissima
americana**



Todo o Paris se occupa da ultima excentricidade de Miss S. R., filha de um rico banqueiro de New York, que teria oferecido 10.000 dollars ao bem conhecido perfumista parisienne Jean de Parys para lhe reservar, a ella unicamente, o uso do seu novo producto: o «Crème Siamoise».

O «Crème Siamoise», apresentado num boião de duplo compartimento, comprehende dois productos: Um Crème dito do dia, que dá ao rosto frescura e esplendor e faz aderir o pó. Um Crème de noite, que se usa no deitar e que limpa a pele, desolstruindo-a, melior do que os sabonetes, das impurezas e poeira.

O «Crème Siamoise» é importado em Portugal por JERÓNIMO MARTINS & FILHO, Rua Garrett, 13, LISBOA, que têm a exclusividade de venda por atacado. Encontra-se em todas as boas perfumarias e farmácias.

GUSMÃO LIMITADA

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS GRÁFICOS
GRANDE STOCK DE TINTAS DE IMPRESSÃO

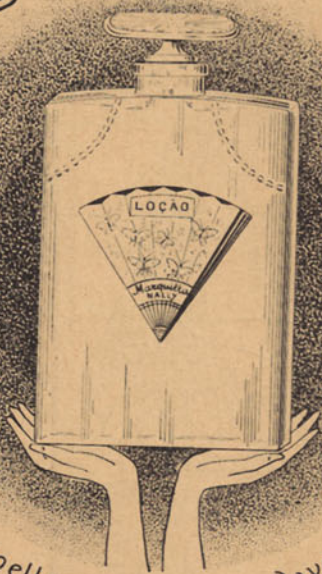
DA CASA KAST & EHINGER

MAQUINAS,
MASSA PARA ROLOS, ETC.

Agentes das principais casas de papel da Alemauha

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

PRODUCTOS NALLY
Um cabello sedoso, brilhante e perfumado, obtem-se usando sempre
LOÇÃO "MARQUITTA"



que é a melhor e mais agradável de todas
Pedidos á SECCÃO de PERFUMARIA da EVA
Largo Trindade Coelho, 10. — LISBOA
á cobrança: Frasco grande — 34 \$ 00
" " medio — 20 \$ 00

BIBLIOTECA
— DOS —
PEQUENINOS

DIAS «FELIZES»

(O 20.º volume)

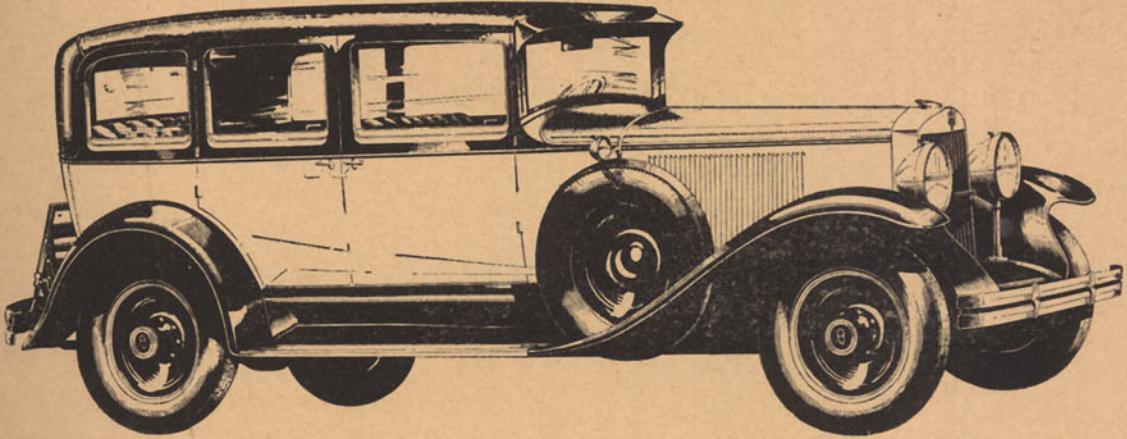
DE

D. Maria Paula de Azevedo

É mais um adoravel livro para as crianças portuguesas, cheio de interesse e de proveitosa leitura, com formosissimas illustrações da consagrada artista D. Maria Roque Gameiro.

PREÇO 5\$00

A VENDA NA LIVRARIA
DO «DIARIO DE NOTICIAS»
Largo Trindade Coelho, 10 e 11
(Antigo Largo de S. Roque)



SEDAN MODELO 827 PARA CINCO PASSAGEIROS

ADEANTE DO TEMPO



A Graham-Paige oferece uma grande variedade de carrocerias, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis diferentes, de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

CONVIDAMOS cordealmente todo o publico e os automobilistas em particular a examinar a inteira serie dos automoveis Graham-Paige de seis e de oito cilindros — com novos e numerosos aperfeiçoamentos e a maravilhosa mudança de quatro velocidades (duas altas velocidades — mudança *standard*) de comprovada vantagem. Estes novos carros representam o nosso aturado esforço em conserval-os adiante do tempo, oferecendo um produto cada vez melhor.

*Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA — *Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. — (P. B. X.) N.º 2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

R



PETROLEO O GAZOLINA

SHELL

OS TREZ REIS MAGOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL C. LTD.

LISBOA - PORTO - COIMBRA - FARO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Provisão)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 85

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :

EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE

E
AILLAUD L.T.D.ª

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

1 DE JULHO DE 1929



EM CIMA: — Aspecto da primeira sessão da Sociedade das Nações reunida em Madrid

A DIREITA, em cima: — Recepção no Ministério dos Estrangeiros, de Madrid. Os delegados ao Conselho da S. D. N. vendo-se o general Primo de Rivera dando o braço à baronesa de Adneti, esposa do delegado japonês

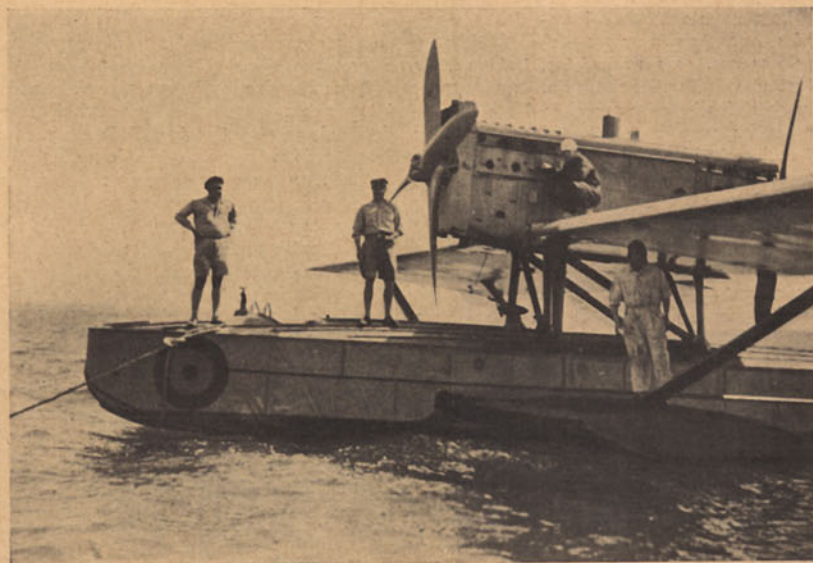


NO OVAL DA DIREITA. — Os heróicos aviadores espanhóis Franco (3), Ruiz de Alda (3) e Gallarza (4) com o representante do governo, general Sanjurjo (1), momentos antes de partirem do aeroporto de Los Alcázaros (Cartagena)

NO OVAL DE CIMA: — Ramon Franco, o glorioso vencedor do Atlântico Sul, chefe da tripulação do «Numância» que foi dado como perdido na tentativa de travessia do Atlântico Norte mas acabou por ser salvo com os seus companheiros quando já o desespero invadia os que o procuravam

A DIREITA: — O «Dornier 16» (Numância) com os seus heróicos tripulantes, momentos antes de deslocar

(Fotos exclusivas da «Ilustração»).



CRÓNICA DA QUINZENA

Há bem um mês que nos encontramos, todos, envolvidos por uma atmosfera espessa de maravilhoso. Não é a primeira vez que isto succede, está bem visto; mas, agora, não é o «Silva das mãozinhas», não é o Onofrof, é o magnetismo, não é o espiritismo, não é o «sistema Kuhne», não é o doutor Von Qualquer Coisa, não são as chinezas dos bichos, não é a bruxa que tinha no corpo o espírito de Sousa Martins; não é nada disto: é uma coisa inteiramente nova: são as curas pelo «método Asuero» que, por sinal, não é método, nem tem sido praticado com método, pelo menos, em Portugal, onde tanta gente o pratica.

Trata-se, nem mais, nem menos, da cura de múltiplas e variadas doenças por um sistema de tratamento, que consiste em toques feitos em determinado ponto da mucosa nasal com um fino estilete aquecido a uma temperatura mais ou menos elevada. A coisa veio-nos da Espanha, de San Sebastian, a graciosa cidade basca castelhanizada, e veio-nos embrulhada num telegrama (ou pseudo-telegrama) que, um dia, a meio do mês de Maio, estorou em Lisboa, como uma bomba de clorato.

O dito telegrama, com data atrasada, era encimado pelo seguinte título — A CURA DA PARALISIA? — com ponto de interrogação, e rezava assim: «*San Sebastian, 11.*— Há tempos que os jornais se fizeram eco de que um médico desta cidade havia conseguido curar a paralisia com uma rapidez assombrosa...» Ficava-se sem saber que espécie de doença era esta: seria a paralisia geral progressiva, seria a paralisia infantil, seria a paralisia agitante?

A seguir citaram-se casos de cura de outras doenças, um coma uremico, um fleimão supurado, etc., e que o dr. Asuero afirmara que os resultados da sua terapêutica, scientificamente comprovados, nada tinham de milagrosos, pois que o processo consistia em actuar sobre o bolbo raquideano por meio do trigémino (*sic*).

Para quem conhecia o livro — *Dejesa orgánica e centros nervosos* — e conheciam-no, pelo menos, os neurologistas, tratava-se da tentativa de Bonnier renovada. Restava saber se o médico basco conseguiria dar a essa terapêutica uma base científica, coisa que Bonnier não alcançara, a-pesar do grande número de casos tratados, uns dez mil, segundo ele afirma no seu livro. Havia, pois, que aguardar as comunicações do dr. Asuero às sociedades e revistas científicas, para então se poder formar um juízo seguro. Esta atitude que, segundo o mesmo telegrama, foi, também, a dos colegas do dr. Asuero, era perfeitamente correcta.

No dia seguinte, porém, lia-se nos mesmos jornais um telegrama de *Madrid, 15*, dizendo que «as famosas curas do dr. Asuero continuavam a despertar apaixonadas controvérsias entre a classe médica...», que o dr. Asuero «tinha declarado que falaria na hora própria, logo que as paixões se acalmassem»; que o general Primo de Rivera

tinha enviado ao dr. Asuero um telegrama felicitando-o e recomendando-lhe um doente; que «o sábio respondera agradecendo, e que receberia o doente a qualquer dia e hora...»; que em tempo oportuno recorreria ao governo espanhol para que este o auxiliasse a obter a justa reparação que a sua dignidade exigia, estando na firme disposição de demonstrar plenamente os seus processos científicos, respondendo assim às agressões cruéis que lhe têm feito».

Diz que falará na hora própria, quando as paixões estiverem acalmadas: dizendo isto, o dr. Asuero, ou mostra ser um péssimo psicólogo, ou sabe muito bem que não falará tão cedo. Devia prever que atirando o seu sistema terapêutico para o meio das multidões, as paixões se acenderiam, muito mais, sem comparação, do que se a questão tivesse sido tratada no recinto limitado das sociedades científicas. A hora própria? A hora própria era antes, e não depois de terem sido desencadeadas as paixões, e desencadeadas pela imprudência do dr. Asuero.

O dr. Asuero parece ter a pretensão de se colocar acima da lei geral a que sempre se têm sujeito aqueles a quem se lembraram de o comparar, os Galileus, os Harveys, os Jenners, os Pasteurs. Todos eles fizeram as suas demonstrações diante de quem tinha competência para as avaliar, para as discutir, para lhes fazer as objecções, sem as quais, nenhuma verdade científica se estabelece.

O duelo entre Pasteur e Pouchet apaixonou o mundo científico, mas o resto do mundo continuou tranqüillamente entregue às suas occupaões. Pouchet foi vencido, mas as suas objecções foram da maior utilidade; sem elas, talvez a obra de Pasteur não tivesse alcançado tão longe. É que a cada objecção de Pouchet, Pasteur era obrigado a engulhar uma nova experiência, que constituía uma nova descoberta.

Está-se a ver, por aquele telegrama, que o dr. Asuero forma uma idea bem extranha da sciência, e da maneira como se alicerçam e elaboram as verdades científicas.

É que estrambótica idea aquela de recorrer ao governo espanhol!

Como imaginaria ele que o governo podia intervir em semelhante assunto? Suspendendo as garantias do método científico? Decretando um novo critério da verdade?

Ainda nesse mesmo telegrama se apontam as curas de «uma criança que sofria de paralisia, uma mulher que sofria de atrofia nas pernas, outra mulher atacada de coma uremico e um soldado hemiplégico.»

Vem depois um telegrama de *Madrid, 16*, fazendo referência aos «adepimentos de várias pessoas dizendo-se curadas, entre ellas a duquesa de Fernan Nuñez... Por outro lado, vários jornais publicam declarações de vários

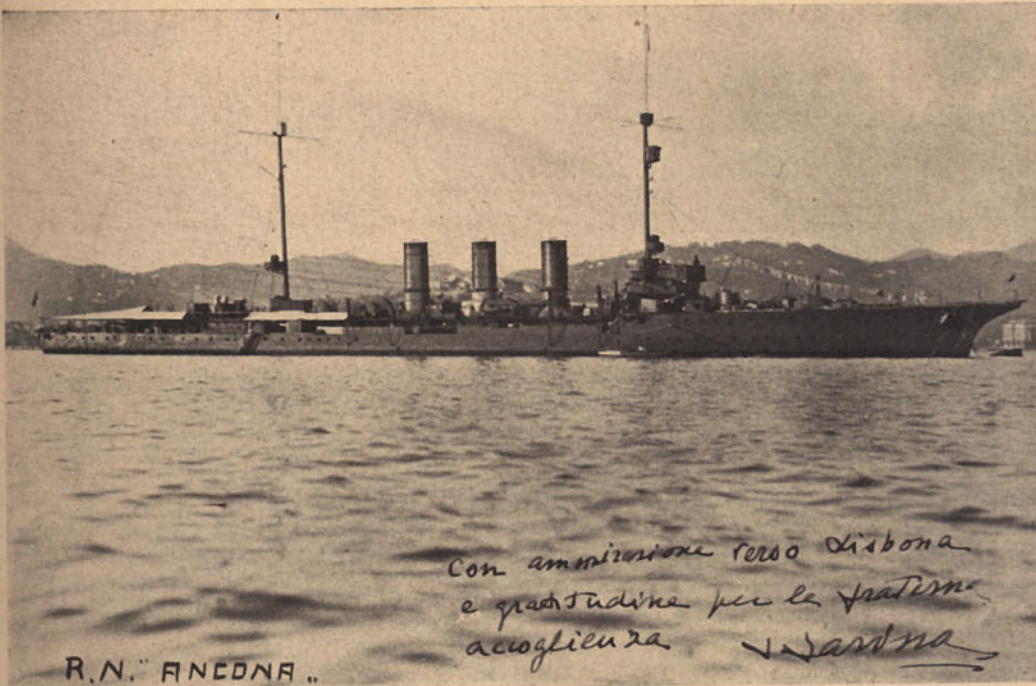
doentes desmentindo que tenham obtido qualquer melhora após o tratamento do dr. Asuero». Passam-se alguns dias, e, de novo um telegrama de *San Sebastian, 20*, assinala mais algumas curas: «R. K., de paralisia, H. B., de cegueira (compressão por tumor cerebral), J. S., de paralisia». A seguir, uma lista de doenças que podem ser curadas pelo processo Asuero: «neuralgias, piórreas, diabetes, hipo-reuma (?) articular, varizes, úlceras varicosas, sciática, osteite com ressecção de nervos na rótula (*sic*), fleimão purulento, surdês, tartamudês, periflemita (?) uremica, hematoma, obstrucção do ventre, encefalite, amnesia, e em geral, todas as algias». — Já depois desta lista appareceu uma outra, sensivelmente diferente.

Dia a dia, os telegramas vão afluindo com os mesmos casos de cura, os mesmos diagnósticos imprecisos e latitudinários — «paralisia do lado direito, dor sciática, paralisia de um joelho», etc. No de *San Sebastian, 23, há, porém, uma novidade*: o dr. Asuero «ainda este verão começará o tratamento de vários casos de hemofilia». Mas logo a seguir, o de *San Sebastian, 24*, conta o caso do dr. Nogaes, que tendo ido aprender o processo com o dr. Asuero, foi por este convidado a operar numa doente paraltica dos membros inferiores, indicando-lhe o dr. Asuero o ponto onde devia aplicar o cáustico; Nogaes fez menção de cauterizar, mas nem sequer tocou na mucosa, e a doente começou logo a andar. Diz o telegrama que logo que o facto foi conhecido (o facto, mas não o fingimento de Nogaes, que só mais tarde foi revelado) «a idolatria pelo dr. Asuero conquistou mais adeptos, visto tratar-se de uma cura operada por um médico que, no seu jornal, tem demonstrado um espírito crítico de relvô».

Pouco depois, começou a applicar-se em Portugal o «método Asuero», muito embora ninguém soubesse precisamente em que consistia. A-pesar disso, os grandes jornais de Lisboa passaram a aparecer todos os dias pedidos de curas maravilhosas, perfeitamente comparáveis às que eram assinaladas nos telegramas vindos de Espanha: as mesmas sciáticas e reumatismos curados repentinamente, os mesmos surdos que passaram a ouvir, os mesmos mudos que desataram a falar pelos cotovelos, os mesmos paralticos que largavam a dançar, atirando fora as muletas. Donde se conclui que se podem obter os mesmos resultados, tanto com o «método Asuero» do próprio Asuero, como com o «método Asuero» que não é de Asuero. Que mais se pode concluir? Por ora, mais nada, enquanto a questão não entrar no campo científico. Por ora, estamos ainda na fase da confusão; esperemos o refluxo da onda para ver o que ela deixa a depositar na praia nua: talvez areias fartamente anfriferas, talvez, somente, calhaus rolados e arrojos de ilusões desfeitas. Daí, talvez, sim, talvez uma coisa e outra.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES



*Con ammirazione verso Lisbona
e gratitudine per la fraternal
accoglienza* *Wardna*

R.N. "ANCONA"

O navio-almirante Ancona que chefiava a grande esquadra italiana que há pouco visitou Lisboa. O comandante d'este belo navio de guerra teve a gentileza de oferecer à Ilustração esta foto em que escreveu as palavras que traduzimos: — com admiração por Lisboa e gratidão pelo fraternal acolhimento, a) Savona. — e que são penhorantíssimas pela sinceridade com que foram escritas



NO MEDALHÃO DA ESQUERDA, em cima:— O sr. Briand, em Madrid, durante a assembléa da S. D. N., assaltado pelas senhoras da Festa da Flor

NO MEDALHÃO DO CENTRO:— O delegado japonês e presidente do Conselho da S. D. N., reunido em Madrid, sr. Aldacti, rodeado pelas postulantes da Festa da Flor

NO OVAL DE CIMA:— O tenente Beltrão, saltando com a sua «Basquaise» no Concurso Hípico Internacional de Madrid onde, com os seus companheiros de «equipe» portuguesa obteve as mais altas classificações

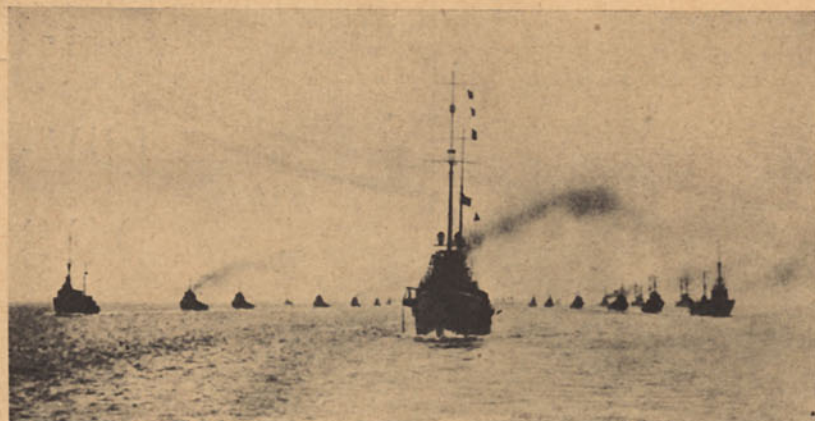
(Fotos exclusivas da «Ilustração».)



NO OVAL DA DIREITA, em cima:— Em Madrid, Stresemann, o famoso diplomata alemão, à saída da reunião da S. D. N. foi, como os seus colegas, assaltado pelas gentis senhoras que vendiam a «Flora»

NO OVAL, em cima:— Dois velhos amigos ou dois velhos rivais.— Aristides Briand e Stresemann, respectivamente representantes da França e Alemanha, à entrada para a célebre sessão do Conselho da S. D. N., recentemente realizada em Madrid

EM BAIXO, ao centro:— O sr. Titulesco à esquerda, em cabelo, delegado da Roménia à S. D. N., que discutiu, recentemente, em Madrid, dum forma notável, o problema das minorias, à saída do Palácio do Senado. O sr. Titulesco veio depois de «Junker», a Lisboa, que admirou sinceramente



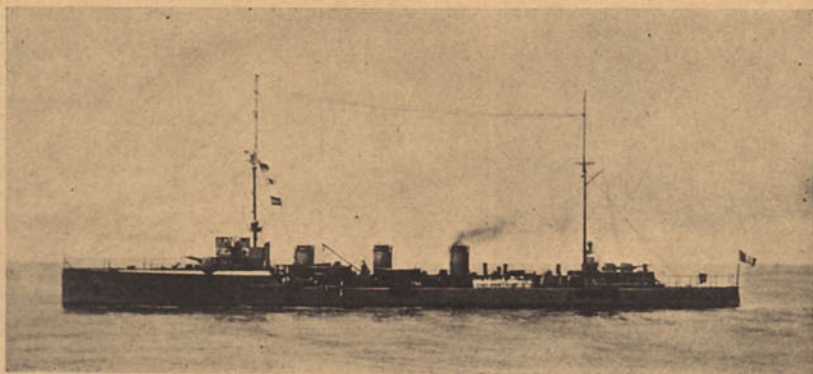
(As fotos da esquadra italiana são exclusivas de «Ilustração»)

NOTAS GRÁFICAS

A ESQUERDA: — O cruzador «Quarto», tendo a bordo o almirante Camú, à frente de parte da esquadra italiana que visitou Lisboa, em pleno Atlântico, aproando à nossa barra

EM BAIXO: — O cruzador «Quarto» já dentro do estuário do Tejo, navegando para o quadro

A ESQUERDA, na medalhão: — O ilustre general espanhol Caballero Garcia, comandante de Vigo, visitou a famosa fábrica dos Tapetes de Beiriz (Póvoa do Varzim). — Na foto vêem-se, com ele, Carlos Miranda, director e proprietário da fábrica, general Craveiro Lopes, o ajudante do general espanhol, major Ramon Julian e o governador civil do Póvo



A ESQUERDA: — Almôço oferecido na Casa de Calves, da Ex.^{ta} Sr.^a D. Ilda B. de Miranda e Carlos de Miranda, proprietários da Fábrica de Tapetes de Beiriz. — A mesa, entre outras pessoas, estão o ilustre militar espanhol general Caballero Garcia, e seu ajudante, general Craveiro Lopes e tenente Marquês de Ficalho, coronel Nunes da Ponte, Carlos de Miranda e meslames Caballero Garcia, Nunes da Ponte, Craveiro Lopes, Amorim Alves, Brando de Miranda e os filhinhos dos donos da casa

EM BAIXO: — Visita do governador civil de Bragança às Arcas (Macedo de Cavaleiros). — No grupo o capitão Tomás Fragoso (1), Visconde das Arcas (2), dr. Raul Teixeira (3), Comandante da Polícia (4), Major Teófilo de Moraes (5), Major Araujo Leite (6), Tenente Serafim Pimenta (7), dr. Abreu (8), dr. Moz (9), Camilo de Sá Moraes (10) depois das manifestações populares em honra do ilustre chefe do distrito. — (Clichê S. Pimenta)



O sr. Presidente da República, ministros, ministro de Itália e outras personalidades de destaque na inauguração do novo palácio «Fiat», na Avenida da Liberdade, acontecimento mundano, industrial e artístico do maior vulto entre nós



NOTÍCIAS DE ACTUALIDADE



NO OVAL DE CIMA: — Jimenez e Iglesias voltam a Sevilha depois do seu vôo triumphal. O infante D. Carlos de Bourbon, capitão general da Andalúzia, abraça-os. — Em baixo: Jimenez e Iglesias a bordo do «Jesus del Gran Poder» no regresso a Sevilha



A formosa senhora D. Palmira de Melo Salvador e o sr. Júlio Malhou da Costa, grande lavrador de Alpinça, que se consorciaram recentemente em Espinho, numa cerimónia imponente e de grande realce aristocrático



Os aviadores espanhóis Jimenez e Iglesias no seu regresso a Espanha, levados aos ombros da multidão entusiástica, no aerodromo de Getafe



El-rei Afonso XIII abraça comovidamente os heróis do vôo à América do Sul no «Jesus del Gran Poder» no acto da imposição da Medalha Militar. Ao fundo, Primo de Rivera



NO MEDALHÃO: — S. M. a rainha de Espanha dando o seu óbolo na festa da Flor, em Madrid



NO OVAL DA DIREITA: — A inauguração pela imprensa e convidados do pitoresco «Parque das Mercúrias», bela iniciativa do Jardim Zoológico

(Foto Salazar Dentis.)



FESTIVAL HÍPICO NO BRESSA. — M.^{tes} Adelaide Costa, no «Belfry», saltando um obstáculo



O general Caballero Garcia, governador de Vigo, com o seu ajudante e o general Craveiro Lopes, durante a visita a artilharia 5, alojada no mosteiro da Serra do Pilar, em grupo com a officialidade daquele regimento



Aspecto do último Salão do Automóvel no Palácio de Cristal do Porto

EM CIMA: — Um grande incêndio destruiu, em poucas horas, o pitoresco e laborioso bairro piscatório da Afurada, na margem esquerda do Rio Douro, junto à foz. A nossa foto apresenta um aspecto desolador do local, após a retirada dos bombeiros que acorreram ao sinistro mas que não puderam evitar a completa destruição das humildes moradias

A DIREITA: — Grupo de redactores e do Conselho de Administração do grande rotativo do norte «O Primeiro de Janeiro», que foram visitar às Caldas das Taipas, onde se encontra em tratamento, o seu director, o prestigioso jornalista e inconfundível figura moral que é Jorge de Abreu (X). No grupo, entre outras pessoas de destaque vêem-se o ilustre industrial sr. Manuel Pinto de Azevedo e os nossos camaradas Lopes Vieira, Mário de Figueiredo, Lourenço Dias e Álvaro Martins. A «Ilustração» associa-se à homenagem prestada ao ilustre jornalista, e faz votos sinceros pelos seus alívios



NO OVAL, em baixo: — Grupo de automobilistas de Lisboa e do Porto, no ponto de encontro, Pinheiro da Bemposta, onde os desportistas do norte foram esperar a caravana em que os do sul se dirigiram ao Porto, a visitar o Salão do Automóvel e inaugurar a sede nova da Circunscrição norte do Automóvel Club de Portugal

(Fotos Álvaro Martins para «Ilustração»)

FIGURAS DO MOMENTO



GENERAL CABALLERO GARCIA

Prestigioso comandante militar de Vigo que recentemente visitou o Porto, onde foi muito homenageado como merecem os seus altos predicados.



DR. FERNANDO ASUERO

Médico de San Sebastian, a figura mais apaixonadamente disidente da actualidade pelo seu já célebre processo terapêutico de cauterizações nos ramos nervosos da mucosa nasal, e cuja popularidade aumenta dia a dia, com novas controvérsias e novos casos clínicos.



TENOR LOMELINO SILVA

Eminente «divo» português que, depois de concertos triunfais em Lisboa, partiu para o Brasil a colher novos louros para a sua arte.



PROFESSOR TOMÁS DE LIMA

Grande violinista e compositor português que partiu para uma digressão artística pelo Brasil, dando concertos e estudando o «folk-lore» sul-americano.



SARA BEIRÃO

Apreciada escritora cujo último livro «Serões da Beira» assinala um merecido êxito de livraria.



D. ANTÓNIO BARBOZA LEÃO

Venerando bispo do Porto cujo falecimento causou geral pesar, tão grandes qualidades concorriam no bondoso prelado para o tornarem uma figura notabilíssima.



MR. ZALEWSKY

Ex-ministro das Finanças da Polónia, uma das mais prestigiosas figuras da S. das N., que acaba de visitar Lisboa rendendo imparciaes elogios à cidade e ao nosso progresso actual.



JOSÉ M. DE BARBÁCHANO

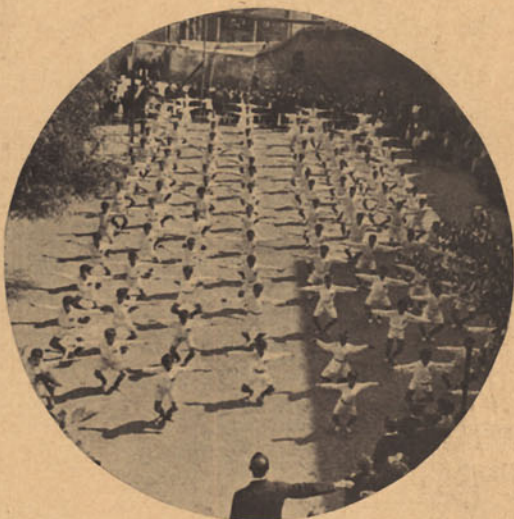
Culto e brilhante jornalista de San Sebastian, autor do livro «Asuero, o mago da medicina», cuja tradução portuguesa acaba de ser posta à venda com retumbante sucesso.



O PRÍNCIPE KNUD EM LISBOA. — O herdeiro da Dinamarca veio a Lisboa sem protócolo, mas sim como simples tenente da marinha do seu país. Pôde assim, o simpático príncipe, ocupar algumas horas de ócio em visitas de arte e instrutivas. Na nossa curiosa foto vemos o belo e esbeto príncipe entre os educandos da Casa Pia, durante uma visita àquele magnífico estabelecimento que deixou maravilhado o egrégio visitante

O COLEGIO VASCO DA GAMA. — No medalhão da direita damos um curioso aspecto do conjunto de exercícios gímnicos praticados pelos alunos d'este excelente estabelecimento de ensino, durante as festas e provas finais recentemente levadas a efeito

ECOS DA QUINZENA



O CONGRESSO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA. — Foi um enorme successo nacional o primeiro congresso dos combatentes effectuado pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra; à esquerda, em cima, damos um aspecto da recepção na Legação da Bélgica ao ilustre presidente da Federação Internacional dos Antigos Combatentes, Achilles Reisdorff, que veio a Portugal presidir ao Congresso.

EM CIMA, à direita: — Aspecto da comovedora revista que o mutilado Achilles Reisdorff, presidente da «Fidac», passou aos combatentes portugueses, na Praça dos Restauradores, após a sua chegada a Lisboa



NO OVAL: — Um aspecto da chegada à estação do Rossio de Achilles Reisdorff, o ilustre presidente da «Fidac», que veio presidir ao Congresso dos Combatentes da Grande Guerra, e que se vê acompanhado pelo comandante Pereira da Silva, capitão Shirley e M.^o Shirley, coronel Marôel Ferreira, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e outros antigos combatentes de destaque, bem como representantes das entidades officiaes

A DIREITA, em baixo: — Um aspecto da manifestação popular prestada, à saída da estação do Rossio, a Mr. Achilles Reisdorff, presidente da «Fidac» e heróico mutilado belga, que veio presidir ao Congresso dos Combatentes Portuguezes, grande parada de força moral e comovedora manifestação colectiva dos que se bateram pela Pátria



EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA EM SEVILHA

A FESTA DE CAMÕES NO PAVILHÃO DE PORTUGAL A SEMANA DOS ESTADOS UNIDOS — ALGUMAS NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

A festa de Camões celebrou-se solenemente no Pavilhão de Portugal. Pela tarde, todo o pessoal do Pavilhão e a colónia portuguesa se reuniu para depôr magníficos ramos de flores na estátua de Camões, sita no jardim e logo à entrada do Pavilhão.

Aproveitou-se esta solenidade para ser imposta pelo Comissário da Exposição a condecoração com que foi agraciado pelo governo o engenheiro sr. Jácome de Castro, que tanto e tão bem tem trabalhado. O Comissário,

sr. Silveira e Castro, impôs, em nome do governo, ao sr. Jácome de Castro, a insígnia de oficial de S. Tiago da Espada e pronunciou justas frases de elogio para a obra do ilustre engenheiro, e éste, respondeu, agradecendo esta distinção e aproveitou a ocasião para fazer público o seu agradecimento a todos os operários portugueses que têm trabalhado e trabalhado bem, às suas ordens.

Também foram condecorados com a Cruz

de Mérito Industrial os mestres, srs. Henrique Gaspar e Encarnação.

A noite houve, no salão de festas do Pavilhão, uma brilhante conferência feita pelo sr. dr. Agostinho de Campos, que desenvolveu em correctíssimo castelhano o tema dos *Lusitadas*, sob o ponto de vista transatlântico. Foi muito aplaudido pela distinta concorrência, que foi obsequiada com uma esplêndida ceia e vinho do Porto, tendo-se organizado um animado baile que durou até



Os comissários e representantes das nações Ibero-Americanas rodeando o director geral da Exposição, sr. Cruz Conde (3). — Entre outros o Comissário de Portugal, engenheiro Silveira e Castro (1). Engenheiro Jácome de Castro (2), Comissário do Brasil (3) e dos Estados Unidos, sr. Campbell (4).

ILUSTRAÇÃO

de madrugada. Concorreram a esta festa, a primeira dada no Pavilhão de Portugal, todos os membros do *Comité*, corpo diplomático, autoridades e as famílias mais distintas de Sevilha, tendo mandado um representante o Infante D. Carlos, capitão general de Andaluzia.

Foi uma bellissima festa, na qual fizeram as honras aos convidados com o Cônsul sr. Noronha de Oliveira e o Comissário sr. Silveira e Castro, todo o alto pessoal do Pavilhão e os membros mais distintos da colônia portuguesa.



Conferência do professor Agostinho de Campos no «Dia de Camões». — O conferente com o Consul de Portugal, Comissário e várias figuras de destaque

Os Estados Unidos foram a primeira nação que celebrou a sua semana, aproveitando a

estada em Sevilha da Banda Presidencial dos Estados Unidos. Foi uma semana contínua

de festas, bailes, banquetes, festas populares, concertos pela ótima banda, projecção de filmes norte-americanos, etc., etc.

Numa outra crónica falaremos mais pormenorizadamente destas festas e das coisas admiráveis que apresentam os Estados Unidos neste certame.



Estátua de «Cid Campeador», obra e oferta à Espanha de Miss Huntington, artista norte-americana

Como nota de actualidade, publicamos uma fotografia em que estão reunidos todos os commissários ibero-americanos com o ilustre director da Exposição, sr. Cruz Conde, para quem foi pedida uma alta recompensa pelo brilhantismo com que se está desenvolvendo a Exposição. Também publicamos uma fotografia da estátua do Cid Campeador, feita e doada pela dama norte-americana Miss Huntington, que professa um grande amor à Espanha. Esta estátua, admirável escultura em bronze, está levantada precisamente de frente do nosso Pavilhão, na grande Praça de S. Diego.

Como motivo da estada dos jornalistas estrangeiros acreditados junto da Sociedade das Nações, tem havido diversas festas e foi inaugurada solenemente a nova Casa da Imprensa no recinto da Exposição.

O director da Casa da Imprensa, o ilustre jornalista sr. Andrés Vazquez, ofereceu a casa a todos os jornalistas e brindou pela imprensa, dedicando uma homenagem ao grande jornalista recentemente falecido sr. Luca de Tena.

Também foi inaugurada a Exposição da Imprensa Antiga e Moderna, que é muito

interessante, mas infelizmente para nós há poucas coisas portuguesas. Seria conveniente que os jornais e revistas portuguesas mandassem os seus números ordinários e extraordinários para serem expostos, na certeza de que seriam recebidos com gratidão pelos elemente organizadores desta Exposição e figurariam em lugar preferente.

Nas festas que se deram em honra dos jornalistas pronunciou brilhantes discursos M.^{me} Irene de Vasconcelos, que é a única jornalista portuguesa acreditada junto da Sociedade das Nações que veio a Sevilla.

Terminaram estas festas com uma tarde deliciosa no «Cortejo» dos Miuras, onde se toureou e se organizou uma bela «fiesta campera».

Durante o verão vão-se verificar em Sevilla alguns congressos interessantes, mas a animação começará em Setembro, com as semanas das diversas nações. Julga-se que a Semana Portuguesa será de 3 a 10 de Outubro, a melhor época certamente e esperamos que será uma das semanas internacionais mais brilhantes e interessantes.

Sevilla, Junho 1929.

LUÍS AMADO HERRERO.

N. da R. — A Semana Portuguesa na Exposição de Sevilla vai ser realmente um acontecimento na vida dos dois países irmãos



A colónia portuguesa de Sevilla colocando ramos de flores junto da estátua de Camões, à entrada do Pavilhão Português

e constituirá, para nós, um legítimo título de orgulho, visto que para tal tudo se congregou pelo que respeita a todos os ramos da actividade nacional. O nome de Portugal, que a nação vizinha quis aliar carinhosamente ao espectáculo civilizador e de beleza que empreendera e felizmente levou a completa realização, esse nome que tem séculos de glória e de bellissimo esforço em todos os campos da cultura, mais uma vez será erguido triunfalmente pelos nossos representantes no grandioso certame de Sevilla. As festas da *Semana de Portugal* constituirão, por certo, um

deslumbramento artístico que perdurará na memória dos que tiverem a boa sorte de a elas assistir. É um dos números mais retumbantes dessas festas, será, sem dúvida, a formidável exhibição que do nosso inconfundível toureiro irão fazer em Sevilla os nomes mais representativos e ilustres. A *Semana Portuguesa*, pelo que toca à *fiesta de toros*, terá a abrilhantá-la os quatro maiores cavaleiros portugueses: António Luís Lopes, João Nuncio, D. Rui da Câmara e Simão da Veiga, filho. Quer dizer: tudo quanto de melhor possuímos, enquadrado num cenário de maravilha e realçado pelo brilho que lhe emprestará o esplendor das corridas à antiga portuguesa, com seus trajos de gala, netos, charameleiros, azêmolos das farpas, andariellos, coches luxuosos, luzidas cavalgadas, palafreiros com os cavalos de batalha, parelhas de arraste, todo um deslumbramento de côr, graciosidade e beleza... O classicismo, o arrôjo, a valentia, o saber e a elegancia dos nossos grandes cavaleiros na lide de touros de raça, mais uma vez encherão de alegria e entusiasmo a multidão dos portugueses e espanhóis que a essas justas vão acorrer, na formosa cidade do Guadalquivir. E esse espectáculo, o qual, por certo, tão cedo se não repetirá, deve constituir um dos números mais belos e imponentes da *Semana Portuguesa* na Exposição de Sevilla.

Felizes os que puderem assistir a esse e aos outros espectáculos da grandiosa *Semana Portuguesa!*



O Comissário do Governo sr. Silveira e Castro fazendo entrega ao engenheiro Jacome de Castro e mestres Gaspar e Encarnação, das condecorações com que foram agraciados



TABOEA SÉTIMA

AMARAL (de Fernando Amaral) — Em campo de ouro, 6 crescentes invertidos de azul postos 2, 2 e 2.

TIMBRE: Um leão saínte de ouro, tendo nas mãos uma maça de armas de prata com a haste de azul.

D'or à six croissants versés d'azur, posés 2, 2 et 2.

CIMIER: Un lion issant d'or tenant dans ses pattes une masse d'armes d'argent jütée d'azur.

AMARAL (de André do Amaral) — Em campo azul, uma aspa de prata acompanhada de quatro flores-de-lis de ouro.

TIMBRE: Uma aspa de prata carregada de uma flor-de-lis de vermelho.

D'azur, au sautoir d'argent, accompagné de quatre fleurs-de-lis d'or.

CIMIER: Un sautoir d'argent chargé d'une fleur-de-lis de gueules.

AMARAL (de Pedro Rodrigues) — Em campo vermelho, um leão nascente de ouro, coroado do mesmo, armado de prata, empunhando na garra dextra uma espada de prata guarnecida de ouro, levantada na mão direita. Chefe cosido de azul carregado de uma águia de duas cabeças de ouro, safite, estendida e coroada do mesmo.

TIMBRE: O leão do escudo.

De gueules au lion naissant d'or, couronné du même, armé d'argent, tenant de sa patte dextre une épée d'argent, garnie d'or; au chef cousu d'azur, chargé d'une aigle d'or à deux têtes, issante et couronnée du même, au vol éployé.

CIMIER: Le lion de l'écu.

AMARAL (outros) — Em campo de ouro, uma águia de negro e um cordão de S. Francisco de púrpura posto em orla.

D'or, à l'aigle de sable, et à la cordelière de pourpre mise en orle.

AMBIA — Esquartelado: 1.º e 4.º em campo de ouro, uma faixa de vermelho; 2.º e

3.º cinco peças de azul equipoladas a quatro de ouro.

Écartelé: aux 1.º et 4.º d'or, à la fasce de gueules; aux 2 et 3 à cinq points d'azur équipolés à quatre d'or.

AMORIM — Em campo vermelho cinco cabeças de moiro, foteadas de prata e azul, barbadas de ouro, postas em sautor.

TIMBRE: Um braço armado de prata, suspendendo pelos cabelos uma cabeça do escudo.

De gueules, à cinq têtes de maure, tortillées d'argent et d'azur, barbées d'or, posées en sautoir.

CIMIER: Un dextrochère armé d'argent, suspendant une tête de maure par les cheveux.

ANAILHA — Em campo de prata, uma águia estendida de negro.

TIMBRE: A águia do escudo.

D'argent, à l'aigle de sable, au vol éployé.

CIMIER: L'aigle de l'écu.

ANASCO — Em campo verde uma cruz florenciada e vasia de prata, e uma vieira de ouro no cantão direito do chefe.

De sinople à une croix florencée et vidée d'argent, et une coquille d'or sur le canton dextre du chef.

ANDERSON — Em campo de prata, uma asna abaixada de negro, acompanhada de três cruces púteas do mesmo, cheias de vermelho e rematada por um escudete de prata perfilado de negro, carregado de uma mão esquerda, erguida e aberta de carnação.

TIMBRE: Uma cabeça de veado da sua cor, trespassada em faixa de uma flexa de prata.

D'argent, à un chevron abaissée de sable, accompagné de trois croix pattées du même remplies de gueules, et sommé d'un écusson d'argent, bordé de sable, chargé d'une

main sénestre levée et appaumée de carnation.

CIMIER: Une tête de cerf au naturel, transpercée en fasce d'une flèche d'argent.

ANDIA — Partido: 1.º em campo vermelho, um castelo de prata, rematado por 3 torres do mesmo, lavrado de negro; 2.º, em campo de prata um leão de vermelho.

TIMBRE: O leão do escudo.

Parti: au 1 de gueules, à un château donjonné de trois pièces d'argent, maçonné de sable; au 2 d'argent, à un lion de gueules.

CIMIER: Le lion de l'écu.

ANDRADE (de Nuno Freire) — Em campo verde uma banda de vermelho perfilada de ouro, abocada por duas cabeças de serpe do mesmo, dentadas de vermelho.

TIMBRE: Duas serpes saíntes, enlaçadas, passadas e repassadas em aspa, suas cabeças em fugida, de ouro dentadas de vermelho.

De sinople à la bande de gueules bordée d'or, engoulée par deux têtes de bisse du même, dentées de gueules.

CIMIER: Deux bisses issantes enlacées, passées et repassées en sautoir, leurs têtes adossées, d'or, dentées de gueules.

ANDRADE (de Nuno Freire) — 2.º ramo. Em campo verde uma banda de vermelho perfilada de ouro, abocada por duas cabeças de serpe do mesmo, dentadas de vermelho, e bordadura de prata com as letras «Ave Maria» de negro, uma palavra a cada flanco.

TIMBRE: Duas serpes saíntes, enlaçadas, passadas e repassadas em aspa, suas cabeças em fugida, de ouro, dentadas de vermelho.

De sinople, à la bande de gueules bordée d'or, engoulée par deux têtes de bisse du même, dentées de gueules; à la bordure d'argent chargée à dextre du mot «Ave», et à sénestre du mot «Maria», de sable.

CIMIER: Deux bisses issantes, enlacées, passées et repassées en sautoir, leurs têtes adossées d'or, dentées de gueules.

UMA EXCURSÃO PATRIÓTICA E EDUCATIVA



A benemérita e ilustre Sociedade de Belas Artes, do Porto, promoveu a primeira das suas excursões aos monumentos nacionais do Norte. A patriótica romagem foi um grande êxito. As nossas fotos mostram, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Um grupo de excursionistas em frente do formosíssimo pórtico da velha igreja de Paços de Ferreira.— Os excursionistas em frente de outro monumento curiosíssimo, a igreja de Cete.— O almoço oferecido aos excursionistas pelos organismos locais e servido no claustro beneditino de Travanca.— Entrada dos excursionistas em Paço de Sousa, entre duas alas de alunos da Casa Pia, cujo edifício em ruínas se vê à direita.— Os excursionistas, junto do pórtico da igreja de Travanca.

(Fotos especiais do enviado da «Ilustração», Alvaro Martins.)

CÃES DE RAÇA



(Fotos
Raul-Rets.)

No primeiro concurso canino, celebrado em Lisboa, apareceram, expostos à admiração dos entendidos, formosíssimos exemplares que fariam sucesso em qualquer grande exposição do mundo. Em cima, à esquerda e em

baixo, do mesmo lado, duas belas fotos do soberbo animal que obteve o 1.º Prémio e Taça, o lindo «Caesar», um *Ulm*, pertencente ao sr. Frederico da Costa Pinto. Nas outras fotos, um lindo *Pekinois*, e outros exemplares que mereceram prémios e o aplauso da assistência a este certame em que foi também notável a elegância das senhoras presentes.

LIVROS E ESCRITORES

DITAMES E DITÉRIOS—Glosas em verso, por ALFREDO DA CUNHA—Edição do Autor—Lisboa

O sr. dr. Alfredo da Cunha, cujos primeiros livros de versos lhe proporcionaram um lugar de destaque entre os escritores de há trinta ou quarenta anos, decidiu-se a quebrar o longo silêncio a que se remetera desde as *Endeixas e Madrigais*, publicando agora numa luxuosa edição um novo volume de versos a que poz como título sugestivo *Ditames e Ditérios*. Nele são glosados, por vezes com felicidade, os mais expressivos e vulgares ditados do nosso povo. Pareceu-nos em mais dum ponto forçado o verso e excessiva a glosa. Mas isso não nos impede que felicitemos o autor dos *Ditames e Ditérios* pela empresa a que dedicou os seus lazeres. Versar assuntos portugueses é uma obra de benemerência, desde que se tenha em vista destacar-lhes a beleza e opô-la ao estrangeirismo que por todos os lados nos ameaça. Só pelo propósito que anima o livro—quando outros títulos não tivessem a recomendá-lo—só por isso merecia que todos os nossos leitores o recebessem com o carinho devido.

«DIÁRIO» DE JOÃO CHAGAS—Parceria António Maria Pereira, editora—Lisboa

No mesmo dia em que apparece à venda este escandaloso livro de memórias, que tem dado vergonhoso pasto a toda a imprensa apaixonada que o comenta, com igual repugnância, sob os seus particulares pontos de vista, a polficia dos costumes apreendeu, pelas livrarias, um volume reles de Alfredo Gallis. Porque não fez o mesmo ao «Diário» de João Chagas? Ou competirá esse nauseante dever à polficia da Direcção Geral de Saúde?...—J. F.

BATALHA DE SEXOS (Crónicas)—MERCEDES BLASCO—Rodrigues & C.^ª—Lisboa

Ao sabor dos acontecimentos e do seu espirito desordenado, romântico, eternamente flutuante, Mercedes Blasco vai produzindo livros sobre livros. A sua sensibilidade, os impulsos do seu subconsciente não conhecem freio e é isso o que claramente nos patencia o novo volume agora editado sob o título *Batalha de sexos*, e no qual foram enfiados diálogos, crónicas, pequenas impressões dispersas por jornais e revistas. Naturalmente nem todos estarão de acôrdo com ideias e concepções nesse livro apresentadas: a vida, em boa verdade não é aquilo que ali se nos apresenta... Mas *Batalha de sexos* tem páginas que se leem com desenfado mercê do fiozinho de ternura que as anima e da discreta ironia que por ela perpassa aqui e ali...

COMO PUDIERON SER, por JUAN GIL ALBERTI—(Ensaio) Imprensa «La Gutenberg»—Valência—5 ptas.

Trata-se de prosa de arte, no sentido crítico-literário que por esta expressão é uso designar.



Mercedes Blasco

Acima de tudo Juan Gil Alberti é um estilista e julgamos até que com isso se satisfaz. As suas interpretações de certos quadros do Museu do Prado poderão, quiçá, parecer arbitrarias a muitos leitores dedicados a coisas de arte, mas são prosa autêntica, nervosa, forte, cheia de sangue e emoção. O temperamento de Juan Gil Alberti perante um Goya, um Velazquez ou um Greco, entra logo em agitação e constrói imediatamente a explanação do assunto versado, na qual as predilecções do escritor se encontram amplamente enroupadas a seda e veludo—o veludo e a seda dum estilo original e suntuoso...

LISBOA-SEVILHA-PARIS—Edição do Boletim do Governô Civil de Lisboa (Guia de Turismo)

Espera-se ainda que a Exposição de Sevilha traga a Lisboa grandes massas de turistas sul-americanos, que a tradição das descobertas prende intimamente à nossa História e que ansiosamente desejam visitar a Pátria gloriosa onde se formaram todos os grandes navegadores. Para lhes patentear as grandezas monumentais e históricas que Lisboa encerra, o «Boletim do



Juan Gil Alberti

Governô Civil de Lisboa» editou um interessante «Guia» que foi agora posto à venda. O guia, que se intitula «Lisboa-Sevilha-Paris» e se apresenta numa elegante e moderna edição, insere itinerários de fácil visita a Lisboa e arredores, assim como a Sevilha e Paris. Destas duas cidades indica também em boas descrições, os melhores monumentos e lugares dignos de visita, distribuidos em itinerários cuja organização obedeceu ao intuito de economizar tempo aos visitantes.—R. A.

ILHAS DAS TRÊS FORMOSURAS (Viagens), por SOUSA COSTA—Guimarães & C.^ª—Lisboa

O dr. Sousa Costa, nosso querido amigo e colaborador, já não tem que tremer, ele que é um íntegro magistrado, na expectativa da sentença do público a cada novo livro que sai da sua pena fecunda e brilhante. Sabido é que o louvor é unânime e que o feliz editor vê desaparecer das prateleiras as maiores tiragens a que se abalace. Romancista de público firme não só em Portugal como na América do Sul, cronista que os grandes jornais disputam, o dr. Sousa Costa lançou agora um livro de viagens, um lindo e suave livro de impressões acoreanas em que as suas últimas férias tem colorido *racconto* sob o título feliz de «Ilhas das três formosuras». É um livro de turista deslumbrado, rico de descrições vigorosas e delicadas aguarelas de leveza



Dr. Sousa Costa

singular. Terá o mesmo successo dos seus irmãos mais velhos e merecido será.—J. F.

A ARTE DE DIZER, por CARLOS SANTOS—(Ensaio)—Livraria Popular de Francisco Franco—Lisboa

Éis um bom livro, dumha necessidade imperiosa na nossa bibliografia técnica, honestamente pensado e realizado com felicidade louvável. Carlos Santos é hoje, sem sombra de contestação, o nosso mais equilibrado e sólido realizador teatral. A sua cultura geral e da especialidade, o brilho do seu espirito, a própria experiência de tantos anos de successos pessoais no palco, talvez justos atavismos, fazem d'elle uma figura absolutamente invulgar no nosso meio teatral. O seu livro, agora, revela-se como um pedagogo cheio de consciencia da sua difficil missão e de competência para a realizar e um conhecedor da sua lingua, que escreve com sólida elegancia e vernáculo equilibrio. Um bom livro.—J. F.

EL CONQUISTADOR DE LOS TROPICOS, por NICASIO PAJARES—(Novela)—Editorial Marinela—Madrid (5 pesetas)

A fauna pitoresca dos trópicos tem para nós, peninsulares, o particular encanto do seu especial exotismo, um exotismo que não deixa de nos tocar de perto pelo substracto de emoções e de sentimentos comuns a raças tão semelhantes. Este «Conquistador de los trópicos» é, na ver-



Nicasio Pajares

dade, uma figura bem curiosa e bem viva, com os seus rompanetes e ridiculos, o seu quê de epopeico e o seu fundo jogralesco. Nicasio Pajares, moço escritor, foi particularmente feliz nesta realização. A prosa é vibrante e colorida, a no-



Francisco Pina

vela tem interesse dramático e pitoresco que bastem para seduzir e empolgar. São condições de agrado pouco frequentes e que fazem deste estimável livro um bom companheiro de algumas horas despreocupadas. — J. P.

PIO BAROJA, por FRANCISCO PINA — (Crítica) — Editorial Sempere — Valência (3 pesetas)

Pío Baroja é uma estátua líria, tallada em linhas primitivas, num bloco inteiro de pedra rude. Mas o artífice divino, cuidou, depois, amorosamente dos detalhes e, a dois metros, a estátua impõe um respeito frio de hostilidade grandiosa; vista de perto, amorosamente, há afago em todas as linhas, desapareceram as arestas, para ficar pedra dura, sim, duma inteireza que resiste ao tempo, mas também agradável de afagar, polida e brilhante até irizar as grandes chapadas violentas da clara luz do sol. Francisco Pina, na idade em que a maioria se lança à noveleta de escândalo ou ao soneto clorótico, enveredou pela seriedade intelectual dum ensaio sobre esta estranha figura, uma das maiores da literatura espanhola. Trabalhando este belo livro Francisco Pina mostrou, à farta, agudeza crítica, sólida cultura e inteireza de carácter; uma forte nobreza de raciocinados sentimentos que vai escasseando assustadoramente. — J. P.

A REALIÇA DE D. MIGUEL, por D. MIGUEL SOTTOMAYOR — Edição da *Atlântida*, Coimbra, 1929

As lutas para o advento e fixação entre nós do Liberalismo fizeram correr rios de tinta e copiosíssima é a bibliografia a tal respeito existente: o catálogo elaborado por B. do Canto regista mais de dois milhares de produções de todo o género, a maioria das quais, valha a verdade, completamente despida de interesse e reduzida a perfeito cisco de ideias. Não pertence, porém, a essa categoria a obra que aqui temos presente em segunda edição: *A Realiza de D. Miguel*, escrita por um fino temperamento de literato e historiador que se chamou Dom Miguel Sottomayor. A quem se dedique a estudar o que foi o tormentoso tempo das guerras liberais, ou emprenda acaso a factura duma obra aonde se exponha o período iniciado com a separação do Brasil, afoitamente recomendamos este livrinho pelos valiosos subsídios que ele ministra para o fim em questão. D. Miguel Sottomayor foi, com D. Jorge Eugénio de Loxio e Seibitz, um dos mais ardorosos e sabedores polemistas do Legitimismo português e, valha a verdade, a obra de Tomás Ribeiro, *D. Miguel e a sua realza*, a que ambos responderam, saiu-lhes das mãos esfrangalhada e pulverizada. Não se julgue, contudo, que o livro que temos presente seja uma diatribe virulenta, uma assanhada catilinária: *A realza de D. Miguel* é uma obra de justiça e de saber, um bellissimo estudo histórico da maior utilidade e proveito. A sólida

erudição de D. Miguel Sottomayor, o seu conhecimento do direito pátrio, o senso crítico de que era dotado e a posse perfeita do assunto que versava, fizeram que, volvidos cincoenta anos sobre o aparecimento da 1.ª edição, ainda hoje se leia com utilidade a produção a que nos estamos referindo. Dentre todos os materiais que para uma obra definitiva nos foram legados por historiadores e polemistas, o livro de D. Miguel Sottomayor destaca-se em plena evidência, e indemniza-nos de muito acervo de toliarias posto a correr mundo pela chamada *História feita*...

A sublinhar o valor de *A Realza de D. Miguel*, agora aparecido numa linda 2.ª edição, vem um inteligente prefácio de João Ameal aonde este distinto publicista critica certas afirmações em tempos trazidas à luz numa brochura pelo sr. Cons. Luís de Magalhães. Esse prefácio é, por mais dum título, apreciável e põe em relevo o carinho que ao seu autor merecem os modernos estudos históricos e críticos.

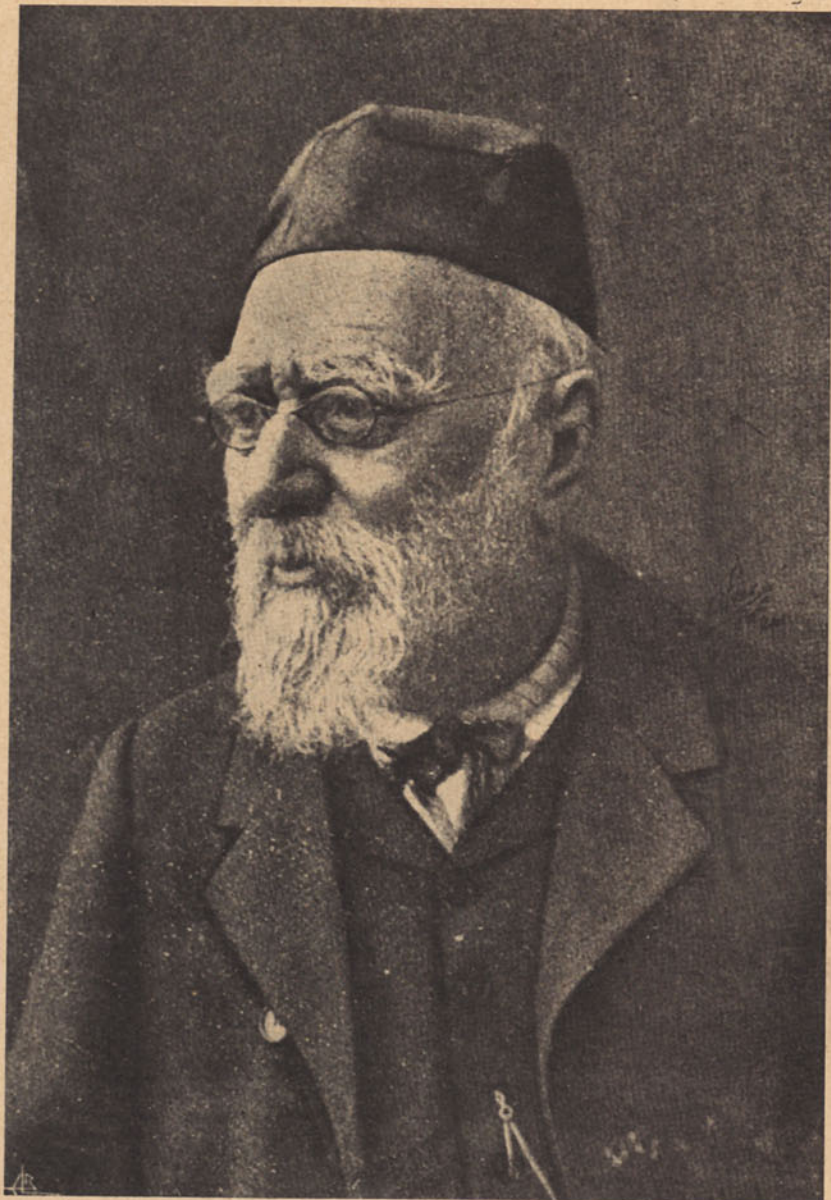
TERRA DE NINGUEM — Redondilhas da Grande Guerra — Por SALEMA VAZ — Livraria Central Editora — Lisboa

Uma segunda edição dum livro de versos foi sempre coisa rara entre nós, *res miranda popu-*

lorum — passe o latim!... Conseguin-o, porém, o livrinho do sr. Salema Vaz: *Terra de ninguém, redondilhas da Grande Guerra*. Valha a verdade que se outros livros de versos da moderna literatura portuguesa mereciam com maior justiça as honras duma segunda edição, nem por isso levamos a mal que tal distinção haja cabido ao livrinho do sr. Salema Vaz. As suas redondilhas da Grande Guerra leem-se com desenfado e não lhe falta por vezes uma certa emoção, um sópro patriótico que as torna simpáticas a quem lê.

PÁGINAS DE AMOR, por IGNEZ — (Diálogos e cartas) — J. Rodrigues & C.ª — Lisboa

O primeiro livro deste jovem escritor, «Tu e Eu», foi, decerto, um successo de venda. Nas nossas páginas registámos o facto com a alegria sincera que sentimos quando se revela, entre a gente moça, alguém que tenha qualidades para vencer. A colaboração de *Inês* nas nossas páginas foi a confirmação do mérito revelado. Em belos diálogos e graciosas aguarelas frívolas conquistou o agrado dos leitores. O seu novo livro, se não marca grandes progressos sobre o anterior, revela, contudo, que a autora tem talento, na verdade, e que, se não for preguiçosa, pode fazer mais e melhor!...



D. Miguel Sottomayor



BELEZAS ESPANHOLAS

CARMEN RUIZ MORAGAS, A FORMOSÍSSIMA ACTRIZ ESPANHOLA, LENDO A «ILUSTRAÇÃO» NO JARDIM DA SUA VIVENDA PRINCIPESCA

(Foto Wallten)



BARCELOS — AS OBRAS

A EXTINÇÃO DOS MORGADOS E PRAZOS

Depois do triunfo das ideias liberais, a maioria da nobreza do reino conservou-se fiel ao rei exilado. Não era natural, portanto, que o constitucionalismo visse com bons olhos dilatarem-se e prosperarem os domínios dos fidalgos, vinculados ao primogénito pela velha lei dos morgados e prazos. O latifúndio não só não aproveitava aos irmãos mais novos, que muitas vezes atravessavam existência atribulada, como havia transformado, a bem dizer, o trabalhador rural em simples escravo da gleba, nunca podendo esperar uma legítima compensação ao seu esforço, pela impossibilidade de adquirir uma pequena leira de terra que pudesse chamar propriedade sua.

A extinção dos morgados em 1803, provocada, — caso curioso! — por um dos grandes do reino, o perulário Marquês de Niza, subdividiu e pulverizou a propriedade, acenando com os vínculos e dando por essa forma um golpe fatal na nobreza. Vem daí a decadência e ruína de grande número das casas brasonadas de Entre-Douro e Minho, e cer-



BARCELOS — CASA DO BARÃO DA RETORTA

tamente do resto do país. Os próprios nobres, com os seus desbaratos e prodigalidades, foram os primeiros a apressar a queda, hipotecando os seus haveres, que em parcelas

iam parar pouco a pouco às mãos de usurários.

Não é fácil calcular se os benefícios daquela medida compensam os seus desastrosos efeitos, porque a pequena propriedade, fortemente onerada, sobrecarregada de dívidas, volta a constituir novos latifúndios em mãos de *brasileiros* e capitalistas, chegando mesmo a regressar aos antigos possuidores. E esse parcelamento da propriedade constitui um poderoso factor de emigração, por ser o único recurso de que muitas famílias dispõem para as transportarem a estranhas terras.

Algumas das casas solarengas, que já visitámos no Minho, não merecem especial menção, e muito menos documentação gráfica, pelo estado actual de abandono e ruína em que se encontram, meio desmanteladas, cobertas de heras, esburacadas de videiras, sombreadas de arvoredo, cujas copas, envolvendo-as, lhes servem de túmulo.

Barcelos, depois de Ponte-do-Lima, é dos concelhos do Minho mais ricos em casas antigas.

Muitas delas, porém, embora tenham história, não só padecem do defeito indicado,

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO

COISAS MORTAS COISAS QUE REVIVEM



Solar de José de Deça e Menezes

Minho e ampla ligada a esta casa, que é de vastas proporções, uma curiosa história que o sr. Joaquim Leitão conta no seu opúsculo *Barcelos*, de que aproveitamos estas notas.

Quando a sr.^a D. Maria II e o rei-consorte, D. Fernando, visitaram Barcelos, foram hospedados no edifício da Câmara. Alta noite, porém, a *domus municipalis* appareceu envolvida em chamas e os soberanos tiveram de fugir para a rua quasi no estado de singeleza em que vieram ao mundo, sendo recolhidos na casa do Barão da Retorta.

Certamente porque o solar dos Magalhães Vilas-Boas se presava melhor para hospedagem dos régios personagens, e mesmo para desmentir um boato então corrente de que haviam sido os legitimistas quem mandara incendiar a Câmara, o duque de Saldanha, que era presidente do Conselho de Ministros, dirigiu-se ao proprietário do solar, avô do actual conde de Vilas-Boas, do qual era amigo íntimo, e expôs-lhes o desejo de suas majestades.

— Vai dizer aos teus Reis que a minha casa está às suas ordens, mas com uma condição, — disse o velho fidalgo.



Casa do Benefício (Família Mattos Graça)

como não oferecem características especiais que as distingam. Nem uma fachada indicativa duma época, nem uma varanda ou alpendre aguentando-se em colunas de pedra, nem no menos um pórtico no qual se possam ainda decifrar umas armas. Nestas condições se encontram as casas de Balão, dos Farias Velhos; de Paço Velho, dos Farias Barbosas, que também eram senhores do morgadio de Aporim; a de D. Tereza, dos Farias Egas; a da Bagocira, dos Farias Machados; a dos Ferreres de Arganil na freguezia de Mariz, etc., etc.

celos possuíam os Condes-Duques de Bragança. Disputilha em tempos d'ou um precioso recheio de mobiliário, baixelas e cerâmica.

Os Magalhães Vilas-Boas foram um dos mais fortes estícos legitimistas do

CASAS QUE REVIVEM

A FAMÍLIA MAGALHÃES VILAS-BOAS

O solar desta família, situado na rua Faria Barbosa, não tem exteriormente grande aparato, embora seja dos mais antigos de Barcelos e esteja ainda em posse dos herdeiros e continuadores duma das mais antigas e ilustres nobrezas barcelenses. Um antepassado desta família foi condeleiro-mor das importantes condealarias que em Bar-



Solar dos Magalhães Vilas-Boas



BARCELOS — CASA DOS MACHADOS DA MALA



Brazão dos Magalhães Vilas-Boas

— Suas Majestades não podem aceitar condições.

— Esta podem: é que, enquanto estiverem na casa Vilas-Boas, não consinto que aqui entrem soldados nem polícia nem particulares a guardarem as suas augustas vidas. Chamo essa responsabilidade a mim e aos meus criados.

Assim aconteceu, de facto, e as régias existências não correram o menor perigo.

D. Maria II ofereceu à dona da casa o título de viscondessa, que ela não aceitou. O actual descendente dos Magalhães Vilas-Boas, 1.º tenente da Armada, sr. Fernando Magalhães, tem o título de conde de Vilas-Boas, com que foi galardoado por el-rei D. Carlos.

O BARÃO DA RETORTA

Foi a casa onde primeiro se hospedaram D. Maria II, o rei consorte e o duque de Saldanha, depois do incêndio da Câmara, e fica situada no Largo José Novais, a cujos herdeiros pertence. Esta família não gozava de título nobiliárquico antes dessa data.

Foi D. Maria II quem deu o honorato ao proprietário, cujos herdeiros morreram pobres. Conta-se que um dos príncipes, D. Pedro ou D. Luís, inquieto como todas as crianças, vendo ao canto duma sala um antigo piano, aproximou uma cadeira e saltou para a tampa, de que fez supedâneo de dança. A soberana, pedindo desculpa aos donos da casa, ali mesmo o castigou à sapatada, pelo processo de que usam mais frequentemente as mães.

Esta casa encontra-se em bom estado de conservação e está encostada a um pano das



Pórtico da capela de S. Francisco

velhas muralhas de Barcelos, que entesta na Torre da Porta Nova, hoje cadeia.

Neste mesmo largo, ao poente, existe uma outra casa antiga, de fachada muito curiosa, a dos Machados da Maia, de que é ramo a família do Conde de Arnoso e do Visconde de Pindela.

SOLAR DOS BEÇAS

Esta família, aparentada com os Farias de Barcelos e com os Menezes do solar dos Pinheiros, possui em Barcelos dois palacetes de grande valor, um junto ao Jardim Público, outro ao poente, sobre o rio Cavado.

São dois museus de raras preciosidades, mórmente em quadros e obras de escultura, com a rúbrica de grandes nomes, como Salgado, Condeixa, Cândido da Cunha, Teixeira Lopes, etc.

O sr. José de Beça e Menezes era um cavalleiro de bom gosto, ilustrado, gozando de grandes simpatias em Barcelos, e a sua quinta, sobranceira ao rio, é das maiores e mais belas do concelho. Está hoje na posse dum sobrinho do antigo proprietário.

CASAS MORTAS

A DE NUN'ALVARES PEREIRA

Fica situada na rua de S. Francisco, onde existe uma capela consagrada áquele santo e que tem um interessante pórtico românico.

É ainda habitada e encontra-se em regular estado de conservação, tendo suas portas em estilo românico. É fora de dúvida que ali morou por várias vezes o Santo Condestável, que não nasceu em Barcelos como alguns quiseram, mas em Sernache de Bomjardim.

Fica-lhe na retaguarda a Casa do Barbadão (Solar dos Pinheiros), a que voltaremos ainda a referir-nos quando falarmos da Casa do Vinhal, de Famalicão.

Em frente, no Largo do Apoio, há mais dois edificios antigos, a casa dos Carmonas, que foi tronco ou cadeia municipal, e a



BARCELOS — Casa dos Carmonas

CASA DO ALFERES
BARCELENSE

Pertencia esta casa, de aparência humilde, e em que apenas se destaca um velho braço, aos Góis-Regos e foi berço de gente ilustre, entre que se destaca o *Alferes Barcelense*, Gaspar de Góis Rego, que em Alcácer-Quibir escreveu uma das páginas mais brilhantes da nossa história.

Porta-bandeira de D. Sebastião, arremessou-se no mais acedo da luta em seguimento do malogrado soberano, ostentando bem alta a gloriosa bandeira para incutir ânimo aos portugueses. Uma cutilada fere-o gravemente, deixa-o quasi sem forças, mas a bandeira continua a tremular ao vento. Decepado a seguir, agarra-a com os dentes e assim continua a defender o sagrado pendão que assistiu ao sombrio anoitecer da nacionalidade, e que só com a morte do heróico alferes caiu em poder do inimigo.

«O Alferes Barcelense, diz o sr. Joaquim Leitão, irmão do 10.º avô do sr. dr. António Ferraz (ilustre arquéologo e historiador já falecido), ou talvez o filho do Alferes, casou com D. Maria Tavares, filha natural de D. Fulgência de Bragança, a qual, depois de viúva pela tragédia de Alcácer, casou com Gil Vicente de Almeida, neto do poeta Gil Vicente, cuja mãe — Filipa Borges — era barcelense».

A CASA DO BEMFEITO

Esta casa é também muito antiga, e já devia ter sido mencionada noutro lugar, pois continua ainda na posse dos descendentes, a



Casa do «Alferes Barcelense»

família Matos Graça, aparentada com os Farias Barbosas, da Casa do Paço Velho. Está bem conservada e tem uma frontaria majestosa. O sr. dr. Matos Graça, seu actual proprietário, é um médico distinto, figura de destaque na política, gozando de grande prestígio em Barcelos. É o médico dos pobres, que encontram sempre nele um protector



BARCELOS — Igreja do convento das Freiras

desinteressado, tão nobre pelo sangue como pelas acções.

O CONVENTO DAS FREIRAS

Ao cimo do Campo da Feira, e com a frontaria voltada para o Jardim Público, antigo Campo dos Touros, encontra-se o convento das freiras beneditinas, hoje pertencente à Irmandade de Nossa Senhora do Terço.

Foi construído em 1707 pelo Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles, para receber as freiras de Monção que, em 1659, haviam sido mandadas recolher a Braga. Gastaram-se na sua fabricação 40 contos, dados pela Câmara de Barcelos.

As freiras foram para ali trasladadas em 1713, no meio dum imponente e curiosíssimo cortejo que as acompanhou desde Braga, e em que tomou parte D. Rodrigo de Moura Teles. Eram 67 freiras professas, 3 noviças e 6 educandas, que vinham seguidas de mais de 50 criadas, o que mostra que as virtuosas filhas de Deus não dispensavam um certo conforto, bem pouco propício à persistência e à humanidade.

O convento foi mandado arrematar em 1847 pela quantia de dois contos, fazendo o arrematante mais do que essa verba só na venda dos ferros das grades internas e externas e na cantaria dos mirantes e varandas, que mandou apear.

A igreja, pertencente à Irmandade do Terço, como fica dito, tem as paredes forradas de preciosos azulejos que representam, bem como os taboleiros do teto, passagens da vida de S. Bento e assuntos extraídos da Escriitura.

Na ocasião da trasladação, o Arcebispo hospedou-se, como era seu costume, no solar da Bagoeira, hoje demolido, donde mandou às freiras comida durante quatro dias... naturalmente à custa do dono do solar.

Como perto das freiras se encontravam sempre frades, havia próximo dali um convento de franciscanos, no local onde hoje se encontra o hospital da Misericórdia.

Poderíamos ao lado desta igreja colocar ainda a do Senhor da Cruz, a do Recolhi-

mento do Menino-Deus, ou das *Beatas*, fundado pela célebre preta Vitória, que morreu em cheiro de santidade, o muro monumental que existe ao fundo do Campo da Feira, ou as *Obras*, tudo construções dos séculos XVII e XVIII. Mas ficaríamos eternamente em Barcelos, e precisamos de passar ainda em revista numerosos solares e monumentos que estão disseminados pelo seu vasto concelho.

É com saudades que se deixa uma terra onde se sente prêsso o coração. Mas iremos dulcificando este «delicioso pungir de acerbo espinho» com a vista doutras paisagens, outros costumes, e também com narrativas saborosas e por vezes picantes.

REINALDO FERREIRA.
SOUSA MARTINS.

(Fotos de Altivo Martins).



Casa de Nun'Alvares Pereira



COIMBRA, UMA DAS MAIS LINDAS CIDADES DO MUNDO, ONDE VÃO REALIZAR-SE AS FESTAS DA RAINHA SANTA

CINEMA ESPANHOL

O QUE NOS DIZ "LA ROMERITO"

DE COMO SE EVITAM CARÍCIAS FELI-NAS — UMA FIGURA POPULAR DA ESPANHA TÍPICA — A MULHER E A SARDINHA... — VANTAGENS DA EMULSÃO DE SCOTT — PRESTA-SE HOMENAGEM AO ROMANTICISMO PORTUGUÊS — UM «PIROPO» A W. FERNANDEZ FLOREZ

um filme em que me dão pelo meu trabalho cincoenta mil pesetas. Estou muito contente com a arte a que me dediquei, porque me estimam muito os directores, os colegas e o público.

— E que filme é esse?

— Um fragmento do D. Quixote, adaptado e dirigido por Ricardo Marin, o famoso desenhador que toda a Espanha conhece e que se vai revelar nesta obra como um formidável director de scena. Eu faço o papel de Dulcinea.

— Não lhe devem faltar cavaleiros andantes...

— A culpa não é minha. Reconheço que não sou feia de todo e o caso não é assim tão grave que mereça a pena pedir responsabilidades ao autor dos meus dias. De resto,



Eu queria afirmar que Elisa Ruiz Romero, conhecida no mundo cinematográfico pelo nome de «La Romerito», era a primeira estrela espanhola do *écran*. Mas, não devo; ou, por outra, não me atrevo a tanto. E não me atrevo a tanto porque tive muito bom cuidado de analisar as preciosas unhas de todas as minhas futuras entrevistadas nas páginas desta revista, que, se como prendas de adorno são uma maravilha, como armas de ataque devem ser uma delícia... Depois, considero uma verdadeira indignidade ter de caluniar a inocente «Gillete» aos olhos dos amigos curiosos para não desvanecer a fé cega que ainda lhes merece a minha nunca desmentida valentia. Prefiro, portanto, calar a verdade.

Mas, sim, o que declaro, e com o reconhecimento unânime daquelas gentis artistas, é que, até agora, ainda nenhuma conseguiu a sua auréola de popularidade. Falar hoje de «La Romerito» é aludir a uma figura marcante da Espanha típica, com foros de figura representativa como as do Gallo, Belmonte, Raquel Meller e Pastora Império. O público converteu-a em seu ídolo e ela corresponde-lhe, não só com o esplendor duma espanholíssima beleza, mas com o entusiasmo da sua arte e até com a sua dedicação. E, se querem uma prova, oiçam:

— E de *noivos*, como andamos?

— Tenho um, tão diminuto como eu — «La Romerito» é pequenina, vivinha, fresquinha e mexidinha como a sardinha — rapaz muito simpático e agradável, mas não o diga, pelo amor de Deus!, porque o público é muito ciumento e não quer que as suas artistas tenham amores. Este capricho, no meu caso particular, justifica-se. Ainda sou muito nova...

— Então que idade tem?

— Já fiz três anos...

— Pois olhe que está bastante desenvolvida.

— É da Emulsão de Scott.

— Ah! Já ganha para a Emulsão?

— Sim, quanto a dinheiro não tenho razão de queixa. O cine dá-me bastante para viver. Comecei por ganhar vinte e cinco pesetas em cada sessão, fazia eu papéis de criada, mecánografa, etc., e agora estou a impressionar





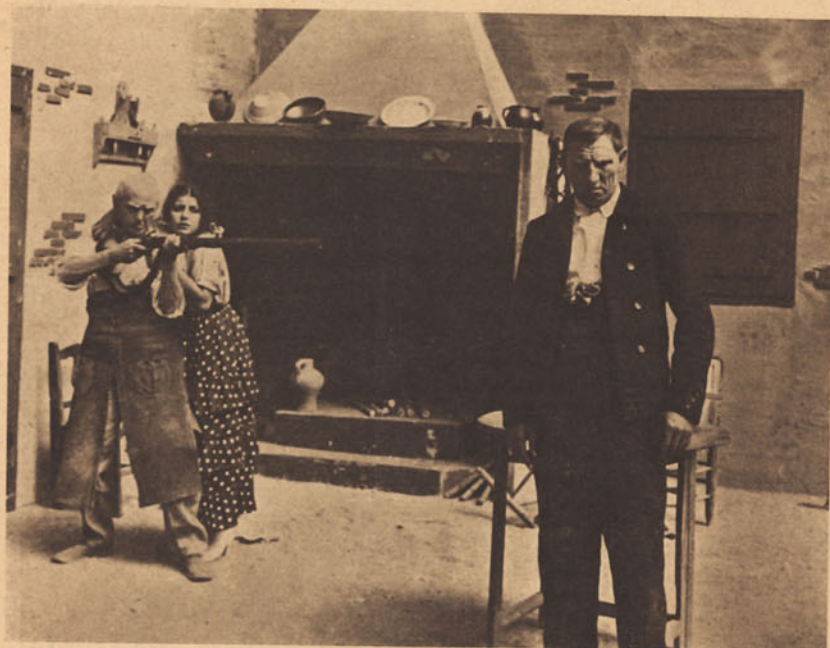
Em Carceleras

possuo um bonito automóvel, uma pitoresca casinha na serra do Guadarrama, tudo ganho com o meu trabalho, e o senhor português sabe bem de que feitiço são hoje os moínhos que se atacam...

—Perdão! Eu não sei nada. Nós, os por-



Em duas scenas de «Carcelera»



tugueses, sempre tivemos fama de românticos...

—E é verdade. *Tengo la mar de cartas* da sua terra. Escrevem-me coisas tão bonitas! Uma até me dizia... Deixe ver se me lembro... Ah! Sim; era mais ou menos isto: «*Sus ojos dicen tantas cosas, hacen tantas cosas, que... ¡aj Dios mio!*» É bonito, não é?

—E verdadeiro. Mas deixemos os portugueses e fale-me dos americanos.

—De que americanos?

Talmadge, Dolores del Rio e Jannet Gaynor.

—E dos espanhóis?

—Como artistas, Orduña e Valentin Parera trabalham muito bem. Como *hombre guapo*, Manolo San Germán é um primor! Quanto a elas, todas sabem cumprir com o seu dever, mas quero destacar Marina Torres, Carmen Vianee, Erna Becker e Maria Luz Callejo.

—E que opinião lhe merece o seu trabalho?

—O meu?

—Sim.

—Isso é com os outros.

—Olhe que estão em moda as auto-críticas.

—Eu dou tudo que tenho e quem dá tudo que tem... O meu haver já apresenta vinte filmes.

—E dêles, qual escolhe?

—«Carceleras» é o que mais me satisfaz. Também me entreguei com muito entusiasmo a «Una aventura del cine», cujo argumento é da autoria de Fernandez Florez.

—Gosta dêle como escritor?

—Muito. *Es muy salado! Lastima que no sea mi paisano!*

—De Madrid?

—Não, de Sevilla. Já viu olhos destes por Madrid?

SEAVON.



Em «Ver-bena

de la Paloma»

DOM SEBASTIÃO

POR
PRETO PACHECO



Na referta bisantina e agra entre Malheiro Dias e António Sérgio travada, à-cêra do valor psíquico do Senhor D. Sebastião, nada de profícuo redundou para a justa e clara determinação do mesmo, quer régia quer pessoal, à parte o haver-se o revalidamento, aliás supérfluo, do espírito romanesco, trecho de galhardo *panache*, do autor da flébil *Paixão de Maria do Céu*, e do espírito super-racionalista, atochado de empanturradoras sabsenças filosófico-dialecticas, do autor dos soporíficos e modores *Ensaíos*.

Este, possuído pela sebástica epilepsia, aferventava-se em demonstrar em todos os tons musicó-argumentativos, sem falta dos sustenidos e bemois dos ultrajes, que o desventuroso rei foi um seclerado — o qual, já agora, ficará com as palmas do martírio por tão paciente sofrer quantos doestos apraz aos letrados de auto-glorificação indomítamente arremessar-lhe. O antagonista, empolgado pelo amor a S. Magestade, afana-se no urdimento duma ingente apologia, entretecida com todos os primores das deificações, que para o Senhor rei D. Sebastião de Portugal vale uma entrada no rol agiológico com direito a fazer milagres.

Eis os dois campos: dum lado o dos vitupérios, do outro, o dos panegíricos, ambos demagógicos. Eis os objectivos dos dois contedores: o do barrete frígido na cabeça, afagando as curvas reboludas da senhora deusa dona Razão, pretende vilificar, sem remissão nem agravo, êsse tão nefando monarca; o outro, adornado com a corôa fechada e devoto da côrte celestial, quer estabelecer o altar e o culto do novo S. Sebastião.

Relativamente ao processo executivo, à forma de manobrar, verifica-se que Malheiro Dias, mesmo quando o aqueçam as rúbidas calorias do entusiasmo, não perde a elegância da expressão, a açacaladura da forma, sempre mantém o aprumo de lídimo e ilustríssimo prosador, o que nos faculta o regalo duma leitura saborosa. No entanto, certo é que a sua dialéctica avulta mais pelas formas literárias e sentimentais que pelas lógicas, que de minguada solidez são os elementos constructivos de seus raciocínios e corolários, de suas explanações críticas. Nela se manifesta mais a boa vontade que a sciência. Não nos mova surpeza o facto, porquanto a controvérsia desdobrou-se no campo histórico-filosófico, onde, na verdade, Malheiro Dias batalhava deslocadamente por lhe escassearem os recursos adequados.

Por seu lado, António Sérgio, agarrado possantemente à catana do bôta abaixo as corôas e os altares (o mundo dá muita volta!), com o sangue puniceo dos animos apostolados a pular-lhe nas artérias, formula o seu estarrecedor libelo, torcendo-se, tregueitando, numa linguagem gramática, fragueira, difusa, aos pontapés na gramática e na genuinidade vocabular e expressiva, o que é grave num pedagogo. Salva-se, aldemenos, a execução prefeccionadora e censória? Não, meus senhores. Essa, efectivamente, apresenta-se com mais pomposidade verbalista que a contrária, com uma terminologia sonora e uma pesada e clangorosa crudição, mas, porque se emburilha na casuística, porque os seus raciocínios jogam a cebra cega com os mais subtis sofismas, não vence nem convence. De sabença, um carro, de exposição, um

cão. No entanto, a prosa é dum pedagogo; No entanto, é êsse domínio onde reina — a pesar do seu ódio às realezas — António Sérgio, consoante a sua opinião e a dos seus subditos — admiradores, onde impera omnisciente e omnipotentemente, no qual se compraz, com olímpica modéstia, em estender os seus atrevidos contraditores, tal a enxurrada de teorias, processos, sistemas, autores, métodos, éticas, silogismos, paralogismos, premissas, corolários (uff, meu Deus!), combinados numa especial giga-jóga prosopoica e tautológica, à mistura com variados e variagados remoqueos de ignorância e incapacidade, com lhes saca a respiração e os deixa asfixiados.

A parte, pois, as páginas de bom relêvo literário de Malheiro Dias e a sofista *pirotécnica* do seu opositor, com a qual o seu pedestal de pensador único e exclusivo da parvalheira lusa medrou uns palmos e os seus admiradores, embasbacados e servis, à boa maneira portuguesa, se persuadiram irrevogável e definitivamente de ser o mesmo um homem grande, um dos mores expoentes da mentalidade pátria; a par do sr. Leonardo e do sr. Pascoais, outros expoentes — quão rico é Portugal desta mercedoria! —, coisa alguma de prestadiço deu para o saço das verdades históricas a pugna excelsa. Necessidade havia, portanto, de que ella fosse analisada com espírito isento de paixões, fôrro de tendenciosos ideais (eis uma das *squisipedalia verba* de Horácio), com proficiência crítica e exegetica pertinente à índole da disputação e do objectivo proposto, a fim de não sofrer viciamientos o seu véro significado, de se registar iniludível e claramente o seu valor.

Neste país de cultura filosófica lastimosamente falho, o que tolera o despejo burlesco de alguns gralhadores se arrogarem prima-

rias e feudos a trôco de megalógorias e cataglotismos, de vaniloquências batológicas, de retóricas logorreicas e catedráticas, que nem elles nem o diabo entendem, e o que constrange os raros dela possuidores a não abrir a boca, mui problemática era a possibilidade.

Em boa hora, porém, converteu-a em realização o Dr. Preto Pacheco com o seu livro *D. Sebastião — à margem duma polémica*, que, na verdade, constituiu um valioso serviço prestado às pátrias letras, por demonstrar que ainda é possível na parvónia estudar-se um problema, disenti-lo, com serenidade, bom senso e justo raciocínio, à fria e clara luz da Razão e da Lógica, com suas tingidelas filosóficas, sem exageros de princípios doutrinários, ou políticos ou religiosos, sem morbidez intelectual e morais, sem desgarrs de linguagem, liberto de malabarismos verbais e exegeticos e de intentos de assombrar como o raio, aguisados à auto-glorificação.

Preto Pacheco, com dignificadora nobreza de processos, intervem na requesta não só para patentear quão errôneo foi o seu meúdo e a sua orientação, do que promanou a sua esterilidade, como para lhe sopesar as premissas e os corolários, os argumentos e a exegese, as glosas e conclusões, tudo falso como Judas pela facciosidade e pelo babelismo verbal com que foram expostos à lambaraz pasmaceira indígena. Não se discutiram ideias, degladiaram-se dois partidos, com balas de frases mais ou menos flamantes.

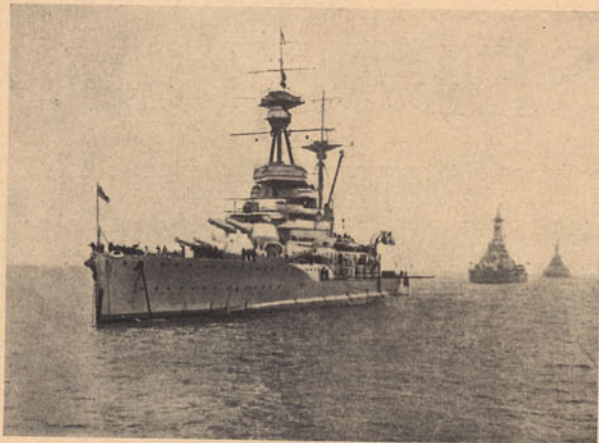
Nas suas explanações e metáfrases manifesta Preto Pacheco uma segura disciplina mental — pelo nosso pedagogo galicista pré-gada e esquecida, tal o caso de frei Tomás — e uma relevante lucidez de pensamento a par duma larga e séria cultura filosófica, que não gasta em ostentosos exhibitionismos, antes lhes serve para facilitar a tódas as mentalidades a sua compreensão lógica e concatenada.

Não é, decerto, tão ladinha, bastante maleável, plástica, a sua linguagem, na qual a miúdo se toparam riquezas de forma, expressões duras. Todavia, Preto Pacheco não pretende rivalizar com Malheiro Dias, não se apresenta como estylista ou prosador — maneja e propõe as suas ideias.

Podrá errar Preto Pacheco nas suas inferências do valimento psicológico e histórico de D. Sebastião, tanto mais que escasseiam os elementos precisos para o lídimo e garantido estudo de sua personalidade. É óbvio, no entanto, que o autor as fixa com raciocínio rigoroso, com sã e firme consciência, o que não deve surpreender, porquanto Preto Pacheco não proclama dogmática, farfalhadamente, a disciplina mental; faz melhor, pratica-a. Concede-lhe tal observância a clareza no reflectir e razoar, a seguridade na dialéctica, qualidades que também distinguem o espírito de Raúl Proença.

E, pois, escusado encarecer o livro de Preto Pacheco, porque êle vale por si próprio e não pelas palavras encomiásticas que se lhe apõem. Cumpre, todavia, reconhecer que fecha inteligentemente o deplorável debate sebástico, por o reduzir às suas justas proporções, e declarar que é um livro de boa leitura e bons ensinamentos quanto à arte difícil de bem raciocinar e discutir.

CARLOS DE PASSOS.



O «Revenge», navio almirante da esquadra inglesa que guardava Scapa Flow

Quando no dia 2 de Junho de 1919, os alemães, não querendo entregar a sua esquadra aos ingleses, resolveram afundar os navios simultaneamente na baía de Scapa Flow, não pensando certamente, que, volvidos dez anos, todos esses barcos seriam trazidos à superfície pela engenharia inglesa...

E assim foi de facto.

Assinado o Armistício em 11 de Novembro, a esquadra alemã passou a completo desar-

ramento, chegava a Firth of Forth, às 8 horas da manhã do dia 21, escoltada por divisões navais inglesas, francesas e Italianas, lançando ferro pelas 9 horas.

Às 15 horas e 45 minutos foi recebido a bordo do navio-chefe alemão, conraçado «Friedrich der Grosse», que arvorava a insígnia do almirante von Renter, o seguinte rádio: «O pavilhão alemão deverá ser arriado às 15 horas e 57 minutos e não deverá ser novamente içado sem autorização. Assinado:

SCAPFLOW

O TUMULO DA QUADRA ALEMÃ COMO OS INGLESES FÃO PONDO A FLUTUAR AS UNIDADES FUNDADAS

Vice-almirante Sidney R. Fremantle, comandante em chefe das forças navais inglesas em Scapa Flow.

Os germânicos quiseram ainda protestar, mas não houve recurso possível.

Às 15 horas e 57 minutos formaram as guarnições a bordo dos navios alemães.

E o pavilhão imperial desceu silenciosamente, acompanhado apenas pelas lágrimas de muitos oficiais e marinheiros, que não conseguiram ocultar a sua comoção.

Nos últimos dias de Novembro, as forças alemãs recebiam ordem de levantar ferro seguindo para a baía de Scapa Flow, escoltados por um dirigível, dois cruzadores e dez contra-torpedeiros ingleses.

Al ficaram num isolamento completo, não se podendo mesmo conversar de uns navios para os outros.

Os alemães não podiam também comunicar com as guarnições inglesas nem com a terra...

No dia 25 de Março de 1919, o almirante

von Renter, unteu o seu pavilhão para o cruzador «Emden» e ao mesmo tempo ordenava uma nova redução nas guarnições, visto que o enervamento alastrava e poderia ter graves consequências.

E assim se passaram mais dois meses e meio, tendo havido ainda mais uma redução nas guarnições...

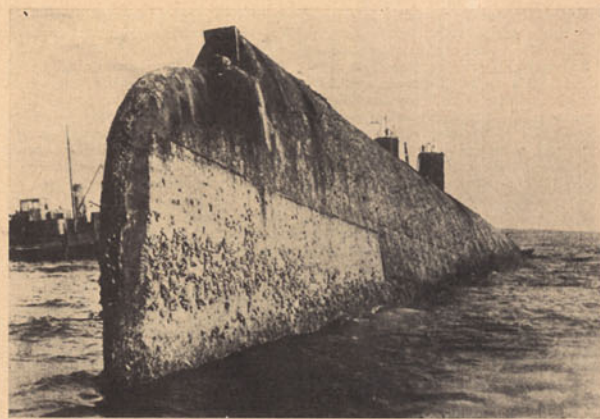
Em Junho o almirante von Renter, regressava de uma viagem que fora autorizado a fazer à Alemanha.

E no dia 15, ele, na ponte de comando do «Emden», sugeriu ao seu chefe do Estado Maior a ideia de se fazer o afundamento simultâneo de todos os navios da esquadra...

Concordaram e foram expedidas secretamente circulares para todos os navios com as determinações necessárias para ser levado a efeito o afundamento simultâneo.

E no dia 21 de Junho, às 12 horas, no mastro de vante do «Emden» subiu o sinal convecionado e que significava: «Afundar imediatamente os navios».

A esquadra inglesa que se encontrava em Scapa Flow, tinha saído de manhã para o



Um dos navios encostados emergindo de quilha para o ar

alto mar, a fim de realizar exercícios em conjunto, tendo ficado apenas na baía dois contra-torpedeiros e dois caça-minas vigiando os alemães.

Dado o sinal pelo «Emden», as guarnições de todos os navios abriram imediatamente as válvulas e saltaram para os escaletes que logo foram arreados, enquanto os navios, invadidos pelas águas, começavam adornando, uns para bombordo, outros para estibordo...

O aspecto da baía era então verdadeiramente fantástico.

Estavam-se afundando, ao mesmo tempo, cerca de 70 navios de guerra.

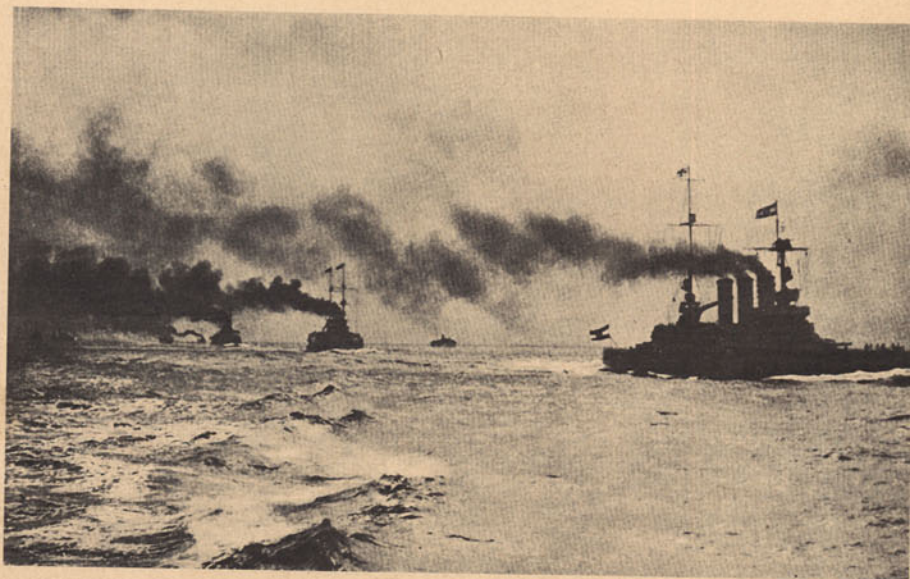
Os quatro navios ingleses, que se encontra-

vam sob pressão, levantaram ferro, começando a fazer fogo sobre as guarnições alemãs desarmadas que seguíam nos escaletes, causando algumas mortes e muitos ferimentos.

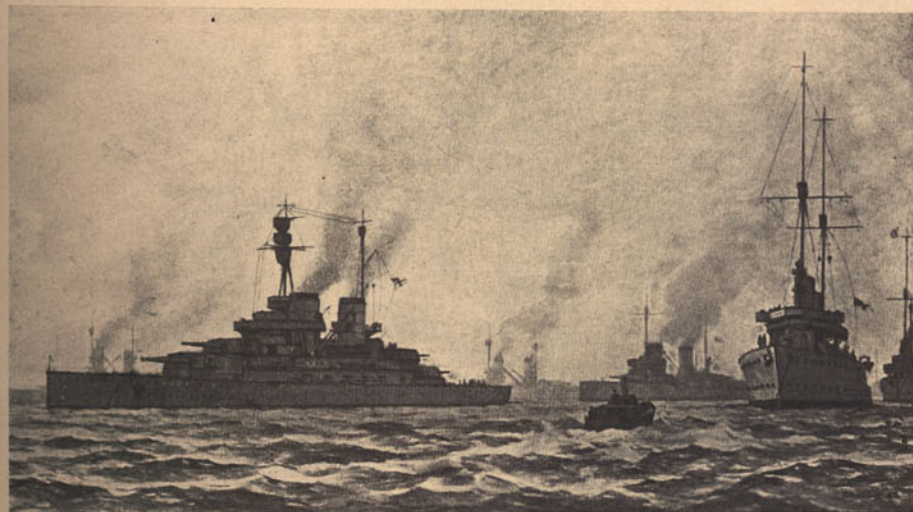
Entretanto os conraçados e os cruzadores de batalha, estavam quasi todos já no fundo... e os torpedeiros iam mergulhando também velozmente...

Em 4 horas e 44 minutos afundaram-se 5 cruzadores de batalha, 10 conraçados, 5 cruzadores ligeiros e 40 contra-torpedeiros e torpedeiros... num total de 60 vasos de guerra.

O almirante von Renter dirigiu-se, após o afundamento da esquadra, para bordo do



A caminho de Scapa Flow. — A frente o «Kaiser» de 25.000 toneladas



A esquadra alemã chefiada pelo «Hindenburg», a chegada a Scapa Flow

couraçado «Revenge», navio-chefe da esquadra inglesa, que acabava de chegar, chamada por um «rádio» de um dos contra-torpedeiros da flotilha de vigilância em Scapa Flow.

O almirante inglês Fremantle, mandou tocar a oficiais. Reunidos estes no convez da popa, usou da palavra e dirigindo-se ao almirante alemão, que se encontrava na sua frente, pronunciou as seguintes palavras, num tom bastante áspero:

«Antes de vos entregar às autoridades militares eu quero significar-vos toda a minha indignação pelo acto que acabais de praticar. Esse acto é contra todo o sentimento de dignidade e de honra. É uma traição, uma violação da fé jurada, é uma vergonha para quem o cometeu. Ele prova que o espírito alemão depois da guerra é o mesmo que anteriormente a ela. A Alemanha começou a guerra por um crime militar: a invasão da Bélgica e terminou-a por um crime naval: o afundamento em Scapa Flow.»

Nesta altura o almirante alemão, bastante nervoso, disse, dirigindo-se ao intérprete: «Diga ao seu almirante que me é impossível aceitar os termos do seu discurso e que o meu sentimento é diferente do seu. Eu só, sou o responsável por tudo o que acaba de se passar e estou convencido de que, no meu lugar, nenhum oficial inglês seria capaz de fazer aquilo que eu fiz.»

E assim acabou o episódio histórico de Scapa Flow...

Os alemães, ao verem o afundamento dos

seus navios, julgaram certamente que Scapa Flow ficaria sendo para sempre o túmulo da Armada germânica...

Mas, volvidos poucos anos, os ingleses iniciaram os trabalhos para pôr a flutuar todos os navios alemães afundados.

Para o local do afundamento seguiram então poderosos guindastes flutuantes, grandes rebocadores de alto mar e dois transportes conduzindo mergulhadores e os aparelhos dos caixões de ar, que deveriam ser aplicados aos navios.

E esses trabalhos tecem-se prolongado até hoje com resultados inteiramente desejados, e pela seguinte forma:

Os mergulhadores descem, determinam a posição e local do navio, o que é comunicado telefonicamente para a superfície.

Aplicadas depois as caixas de ar aos navios, estes, com o auxílio dos grandes guindastes flutuantes, são lentamente trazidos à superfície, com o casco completamente coberto de ostras e plantas marinhas.

O primeiro navio trazido à superfície por este processo, foi um torpedeiro.

Depois d'êle vários cruzadores e torpedeiros têm visto também a luz do sol em Scapa Flow.

Em Abril d'este ano, depois de trabalhos intensos, conseguiu-se trazer à superfície o grande couraçado «Kaiser», de 25.000 toneladas de deslocamento, tarefa que gastou bastantes dias.

O navio veiu ao lume de água, com a quilha para cima, como mostra uma das

interessantes gravuras que ilustram esta crónica.

Nessa posição, foi levado por três grandes rebocadores, para Rosyth, dando entrada numa doca seca, depois de o terem feito voltar à sua posição natural.

Seguidamente começaram os trabalhos para pôr também a flutuar o grande cruzador de batalha «Seydlitz», o qual veiu à superfície numa posição idêntica à do «Kaiser»: de quilha voltada para cima.

Durante alguns dias o barco esteve nessa posição e devido à forma arredondada do seu fundo, os operários que trabalharam na sua limpeza, puderam construir sobre êle duas casas em madeira, para dormirem durante as noites.

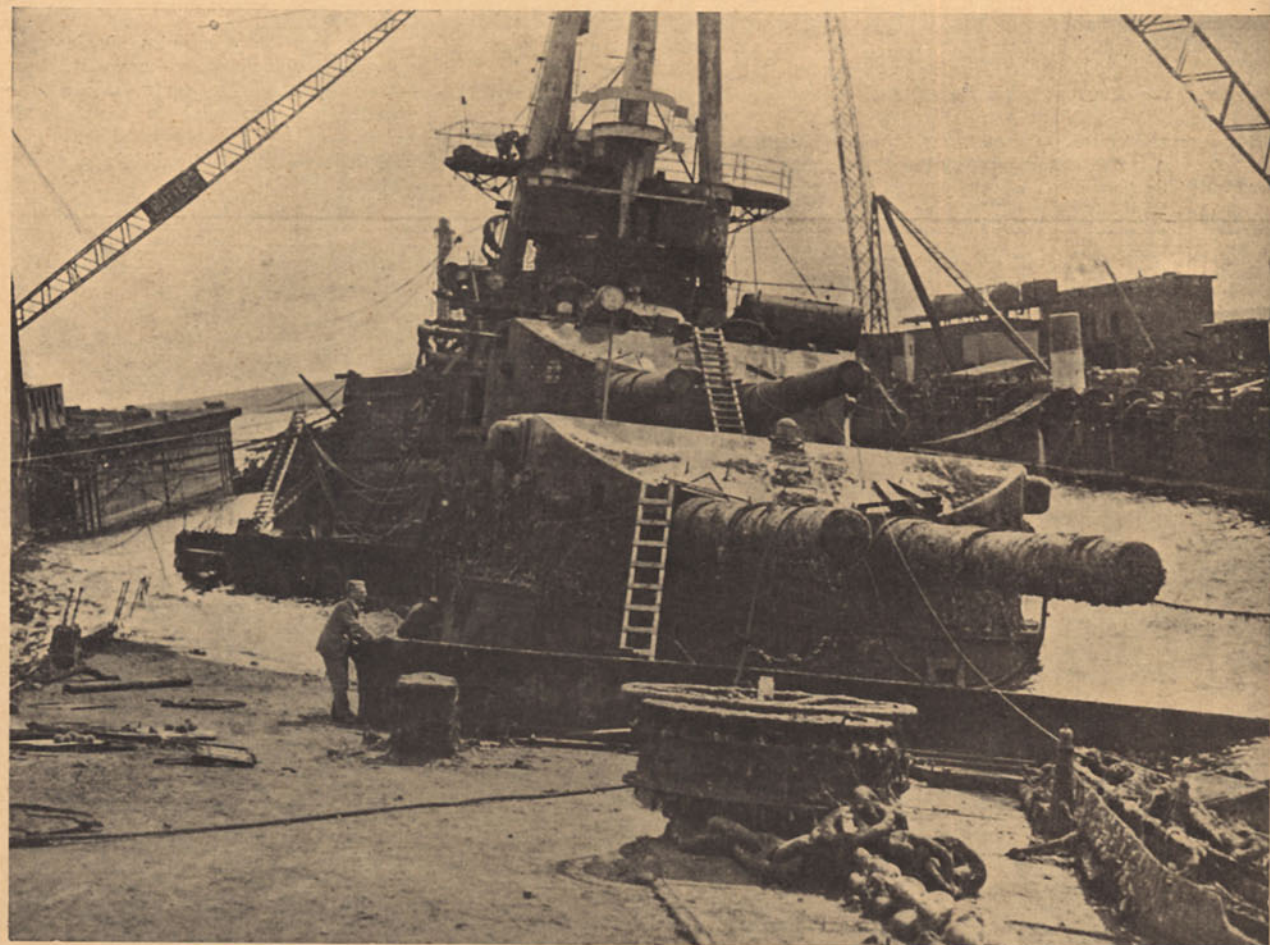
Terminados os trabalhos, dois rebocadores de alto mar, levaram o «Seydlitz» para Firth of Forth e na maré do dia 14 de Maio, deu entrada numa das grandes docas secas de Rosyth.

Há ainda alguns barcos esperando no fundo de Scapa Flow, que os mergulhadores ingleses os acordem do sono que estão dormindo há mais de dez anos...

—Todos êles virão à superfície— dizem os engenheiros britânicos.

Dentro de um ano espera-se, pois, que os restantes navios estejam a flutuar, dando assim a engenharia inglesa mais uma prova do seu incontestável valor.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.



O cruzador «Hindenburg» depois de posto a nado, recoberto de molusco e algas



AS VERDADEIRAS HERCULES!



Um dia, ninguém sabe bem porquê, o Homem, sêr que precisa matar bois para comer e morre por obra e graça dum micróbio, fêz-se, a si mesmo, rei da Criação. Ninguém lhe contestou a realza, que só a êle importava, e o Homem convenceu-se de que realmente vestia a librê de soberano da Falpêra Universal. Como, porém, esta realza não era de direito divino nem de sufrágio mundial, surgiram na própria côrte do homem, a dentro do seu próprio cérebro, dúvidas deprimentes para êsse mandato régio.

Com tôda a sua glória, o homem percebeu que precisava de todos os outros sêres para não

valo, de força média, arrasta uma carga de duas toneladas, sendo nela compreendido o pêso do veículo. Ora bem, querem os leitores saber que pêso arrasta, sem dificuldade de maior e sem a isto estar habituada, uma lacata indiana, insecto que pesa 19 gramas?

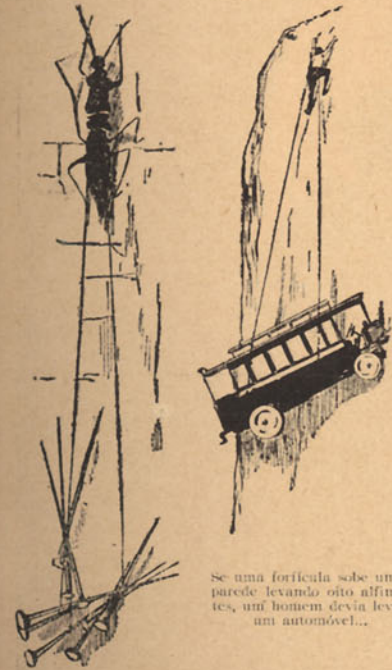
A experiência feita e repetida várias vezes é bem concludente. Atrelado num desses insectos a um vagão-brinquedo cheio de vidro pisado, com

pesava 40 gramas! Pêso dez vezes superior ao do insecto. Era como se um homem erguesse do chão um altar de 750 quilos!

Pensou o operador que o mesmo insecto com os músculos das asas livres ainda faria maiores prodígios e, suspendendo-o pelo corpo, repetiu a experiência. A formiga-leão levantou uma rolha



Um pequeno insecto arrasta os vagões dum combóio de criança?... Pois um homem devia levar a rastos um combóio a valer...



Se uma forficula sobe uma parede levando oito alfinetes, um homem devia levar um automóvel...

morrer faminto e gelado no meio desta bola terráquia e o tronco vacilou e o homem fêz-se mauzo e fêz festas ao loi para o comer e ao cavallo para o montar... Mas, adiante. Isto levava-nos para muito longe do assunto do artigo que tem a única pretensão de dizer ao Homem que puxa o carro e lança o disco e pega o touro, que longe de ser o possuidor da força máxima, é apenas, em comparação com outros sêres criados, um pobre diabo deparado de músculos e sem força correspondente à sua estatura e ao seu pêso. Os verdadeiros hercules são êsses pequeninos sêres que o nosso pé distraído esmaça e que possuem uma energia colossal nos seus corpos pequeninos.

Quere o leitor assistir a umas experiências curiosas feitas num laboratório americano por um célebre entomologista japonês? Se quere venha conhecido.

FORÇA DE TRACÇÃO — É ponto averiguado que um homem bem constituído consegue arrastar, em condições propicias, um pêso dez vezes superior ao seu. Igualmente se sabe que um ca-

seguiu êle arrastá-lo num pêso de 465 gramas ou seja 25 vezes o seu próprio.

Outro exemplo. Uma mosca grande dessas que chamamos varejeiras, faz mover a vagoneta que serviu para a outra experiência e que pesa 170 gramas ou seja 170 vezes o pêso da mosca.

Na mesma proporção, um homem devia arrastar 12.250 quilos!!

Uma das nossas baratas vulgares, que tem dois e meio a três centímetros de comprido e que pesa pouco mais ou menos seis gramas, puxou duas vagonetas com o pêso de 1 quilo.

Mas isto não é nada se compararmos a força destes grandes insectos com a da pequenina abelha. Com o seu pêso insignificante de duas gramas uma abelha arrastou 601 gramas, trezentas vezes o seu pêso. A abelha tem, portanto, trinta vezes mais força do que nós!

Pois bem. A força da abelha ainda é insignificante se for comparada à de outros insectos ainda mais pequenos. Todos conhecemos a bichacadeira a «forficula auricularis» dos entomologistas.

Foi um destes insectos atrelado a um pequenino carro e moveu-o depois de carregado num total de 265 gramas ou seja quinhentas e tantas vezes o próprio pêso!

O maravilhoso deste resultado tentou o operador a experiências mais concludentes. Colocou um destes insectos numa parede lisa, tendo-lhe previamente atado no fim do thorax uma linha com duas pontas soltas. Nestas pontas foram sucessivamente espetados alfinetes. Até ao quarto alfinete o animalito foi prosseguindo sem custo na sua ascensão a prumo, depois da aparição do quinto parou, segurando-se fortemente à parede.

Mais um alfinete... Mais outro... Outro ainda... e só então se deixou cair depois de o terem espertado com uma palha.

Tinha aguentado um pêso de 13 gramas numa ascensão a prumo, o que equivaleria, no campo do esforço humano, a um homem subir uma escada de bombeiro com um automóvel mediano preso à cintura!

ESFORÇO DE ARRANQUE — Tôda a gente a quem o campo é familiar conhece a formiga-leão, insecto dos mais curiosos pela armadilha que constrói para arranjar vítimas para seu sustento. Fêste insecto, quando seguro pelas asas, tem o instinto de se agarrar a tudo que encontra sob as patas. Poi êle, portanto, o escolhido para a experiência de levantar pêsos. Segura, como dissemos, pelas asas, foram postos ao alcance duma formiga-leão vários objectos, que ela foi levantando, sendo o mais pesado um prego, que

de madeira de 54 gramas sem custo aparente.

Pouco a pouco foram pegados à rolha pedacinhos de massa de vidraceiro. A formiga foi suportando a carga até ao pêso brutal de 82 gramas. A adição dum novo pedaço obrigou-a a largar o fardo.

Agora, leitores, um compasso de espera para falarmos do prodígio da força muscular. Sabeis quem na terra bate o record dos saltos? É alguém que nos é familiar, que nós detestamos, mas que possui uma rijeza de músculos tal que



Processo da formiga-leão — Com as asas presas ergue um prego de 49 gramas, e com as asas livres levanta uma rolha com o pêso de 82 gramas

se os nossos fôssem iguais aos seus poderíamos — leitores, pensai — poderíamos dum salto único transportar a distância que vai do Havre a Nova York! Esse alguém é a pulga, pequenina de estatura, infima no pêso mas

hercúlea, gigante, na possibilidade do esforço. Por isso, quando sinto morrer alguma sob o polegar chato da minha erizada lembra-me, sem querer, do que nós seríamos se tivéssemos músculos como ela; invejo-a e tenho vergonha da minha espécie, que morre miseravelmente de falta de ar, sem merecer a intervenção directa do polegar gigante do padre Eterno.

C. DE M.



Se o homem tivesse músculos idénticos aos da pulga, poderia saltar da Europa a Nova York!..



MINHA IRMÃ ANTONIA

POR DON RAMON DEL VALLE INCLAN

(Continuação)

É toda curvada metia os olhos pela frincha da porta. Agachei-me ao seu lado. Só me disse estas palavras:

— Não te lembres mais do que ouvires, mariola!

Eu puz-me a rir. Era verdade que parecia uma gargula. Não podia saber se cão, se gato, se lobo. Mas tinha uma estranha semelhança com aquelas figuras de pedra, assomadas ou estendidas sobre o adro, na cornija da catedral.

XII

Ouviu-se conversar na sala, durante muito tempo, a voz do franciscano:

— Hoje de manhã foi ao nosso convento um rapaz tentado pelo Diabo. Contou-me que tivera a desgraça de se apaixonar, e que, desesperado, quiz ter a sciência infernal... A meia noite havia impetrado o poder do Demónio. O anjo man apareceu-lhe num vasto areal de cinza, cheio dum grande rumor de vento, que as suas asas de morego causavam, agitando-se sob as estrelas!

Ouviu-se um suspiro de minha mãe:

— Ai, meu Deus!

Proseguia o padre:

— Satanás disse-lhe que firmasse um pacto e que o faria feliz nos seus amores. O rapaz duvidou, porque tinha a água do baptismo que faz os cristãos, e afastou-o com a cruz. Hoje de manhã, ao amanhecer, chegou ao nosso convento, e no segredo do confessional fez-me a sua confissão. Disse-lhe que renunciasse às suas práticas diabólicas, e negou-se. Os meus conselhos não bastaram a persuadi-lo. É uma alma que se condenará!...

Minha mãe gemeu outra vez:

— Preferia ver minha filha morta!

E a voz do frade, num mistério de terror, proseguia:

— Morta ela, talvez elle triunfasse do Inferno. Viva, quem sabe se não se perdem os dois?... Não basta o poder duma pobre mulher como tu para lutar contra a sciência infernal...

Minha mãe soluçou:

— E a graça de Deus?!!

Houve um longo silêncio. O frade devia estar em oração, meditando a resposta. Basilisa la Galinda apertava-me contra o peito. Ouviam-se as sandálias do frade e a velha afrouxou um pouco os braços para se levantar e fugir. Mas ficou imóvel, retida por aquela voz que souou depois:

— A graça não está sempre commoço, minha filha. Nasce como uma fruta e como ela se seca. Há almas que só pensam na sua salvação e nunca sentiram amor pelas outras criaturas. São as frutas sécas. Dize-me que cuidado sentiu teu coração quando lhe annunciaram o perigo de se perder um filho de Deus? Que fazes tu para evitar esse negro acôrdo com os poderes infernaes? Negas-lhe tua filha para que a receba das mãos de Satanás!

Minha mãe gritou:

— Mais poder tem o Divino Jesus!
E o frade replicou com uma voz de vingança:

— O amor deve ser igual para todas as criaturas. Amar o padre, o filho ou o marido, é amar figuras de lodo. Sem o saberes, com a tua negra mão também açoitas a cruz como o estudante de Bretal.

Devia ter os braços estendidos para minha mãe. Ouviu-se depois um rumor como se retirasse.

Basilisa safou-se comigo e vimos passar ao nosso lado um gato preto. Ninguém viu saír o Padre Bernardo. Basilisa foi aquella tarde ao convento, e, quando veio, contou que andava numa missão, a muitas léguas de distância.



XIII

Como a chuva fustigava as vidraças e como era triste a luz da tarde em tôdas as estâncias!...

A Antónia borda ao lado da varanda, e nossa mãe, recostada no canapé, olha-a fixamente, com êsse olhar fascinante das imagens que têm os olhos de cristal. Era um grande silêncio em tôrno das nossas almas, e só se ouvia a pêndula do relógio. A Antónia ficou uma vez sonhando com a agulha ao alto. No estrado, além, suspirou nossa mãe, e minha irmã agitou as pálpebras como se despertasse. Tocavam então todos os sinos de muitas igrejas. Basilisa entrou com luzes, olhou detrás das portas e pôs as trancas nas janelas. A Antónia voltou a sonhar inclinada sobre o bordado. Minha mãe chamou-me com a mão e reteve-me. Basilisa trouxe a roca e sentou-se no chão, ao lado do canapé. Eu sentia que os dentes de minha mãe faziam o ruído duma castanhola. Basilisa pôs-se de joelhos a olhar para ela, e minha mãe gemeu:

— Enxota êsse gato que arranha debaixo do canapé.

A Basilisa inclinou-se:

— Onde está o gato?

— Entrou quando trouxeste as luzes.

— Não o vejo.

— E também não o sentes?

A velha replicou, batendo com a roca de baixo do canapé:

— Não o sinto, não!

Minha mãe gritou:

— Antónia! Antónia!

— Que queres, minha senhora?

— Em que pensas?

— Em nada!

— Não ouves como o gato arranha?

A Antónia escutou um momento:

— Já não arranha!

Minha mãe estremeceu tôda:

— Arranha aqui, diante dos meus pés, mas também não o vejo.

Crispava os dedos sobre os meus ombros. Basilisa quis chegar uma luz, mas apagou-se-lhe na mão sob uma rajada que fêz bater tôdas as portas. Então, enquanto nossa mãe gritava, agarrando minha irmã pelos cabelos, a velha, munida duma rama de oliveira, pôs-se a deitar água beuta pelos cantos.

XIV

Minha mãe retirou-se para o seu quarto, soou a campainha e Basilisa saiu, correndo. Depois, a Antónia abriu as janelas e olhou para a praça com olhos de sonâmbula. Retirou-se, andando para trás, e depois fugiu. Eu fiquei só, com a testa colada às vidraças da varanda, onde a luz de tarde morria. Percebi-me ouvir gritos no interior da casa, e não ousei mover-me, com a vaga impressão de que aqueles gritos eram qualquer coisa que eu devia ignorar por ser menino. E não me movia das janelas da varanda, dobrando um reflector medroso e pueril, todo confuso com aquele nebuloso recordar de repreensões bruscas e de clausuras numa sala escura. Era como envólucro da minha alma essa memória dolorosa dos meninos precoces, que com os olhos dilatados ouvem conversas de velhas e deixam de brincar para ouvi-las. A pouco e pouco cessaram os gritos, e quando a casa ficou em silêncio, fugi da sala. Ao sair duma porta, encontrei a Galinda:

— Não faças barulho, mafarrico!

Detive-me em bicos de pés diante do quarto de minha mãe. Tinha a porta encostada, e chegava de dentro um murmúrio de penas e um forte cheiro a vinagre. Entrei pela abertura da porta, sem movê-la e sem ruído. Minha mãe estava deitada, com muitos lenços na cabeça. Sobre a bancada do lençol ressaltava o perfil de sua mão na luva preta. Tinha os olhos abertos, e, quando eu entrei, voltou-os para a porta, sem mover a cabeça:

— Escorraça-me êsse gato que tenho aos pés, meu filho!

Aproximei-me e saltou ao chão um gato preto, que saiu correndo. Basilisa la Galinda, que estava à porta, também o viu, e disse que eu pudera espantá-lo, porque era um inocente.

XV

...E recordo minha mãe numa dia muito largo, na luz triste dum quarto sem sol, que tem as janelas encostadas. Está imóvel na sua poltrona, com as mãos em cruz, com mui-

tos lenços na cabeça e a cara branca. Não fala, e volta os olhos quando os outros falam, e olha fixa, impondo silêncio. Dia sem horas, todo em penumbra de meia tarde. E êste dia acaba-se de repente, porque entram com luzes no quarto. Minha mãe dá gritos: — Feste gato!... Feste gato!... Arranquem-no, que se me crava nas costas!

Basilisa la Galinda dirigiu-se a mim, e com muito mistério empurrou-me para minha mãe. Agachou-se e falou-me ao ouvido, a barbeta tremendo, esfregando-me na cara os seus sinais de pêlo:

— Cruza as mãos!

Eu cruzei as mãos e a Basilisa colocou-as sobre as costas de minha mãe. Acossou-me depois em voz baixa:

— Que sentes, meu lindo?

Respondi assustado, no mesmo tom da velha:

— Nada!... Não sinto nada, Basilisa.

— Não sentes uma coisa assim como se fôsse lume?

(Continua).



— Não faças barulho, mafarrico!...



Passatempo

LABIRINTO DE «MISS» CORNELIA WARREN

Este labirinto existe em Cedar Hill, próximo de Waltham (Massachusetts). Foi man-



dado construir numa propriedade sua, pela arqui-milionária Miss Cornelia Warren. O seu plano é uma combinação do de Hampton Court com o da villa do Conde Pallavicini, em Génova. No mesmo género, conhecem-se mais cinco ou seis.



Tive em tempos um discípulo muito rebelde para aprender — dizia um mestre-escola — e daquela raça que exgota a paciência duma pessoa até ao último limite. Um dia, em que elle parecia estar mais obtuso do que nunca, saí completamente fora de mim e exclamei:

— Estou vendo que não é capaz de responder a uma só das perguntas que lhe faço. Porque é isso?

— Então — respondeu o rapaz — se eu soubesse tôdas as coisas que o senhor me pergunta, creio que meu pai se não daria ao incômodo e à despesa de me mandar para aqui!



Frederico: — Vais na quinta-feira jantar a qualquer parte?

Eduardo (prezendo um convite): — Deixa-me ver. Segunda, terça, quarta... não... não vou jantar a parte nenhuma na quinta.

Frederico: — Sempre hás-de ter muita fome na sexta-feira, não te parece?!



Um sujeito entra muito excitado pelo armazem de modas dentro.

— Deseja alguma cousa? — pergunta-lhe o fiscal.

— É que perdi minha mulher — responde o sujeito.

— A secção de lutos, no primeiro andar!



LÓGICA ELEMENTAR

— Muito bonita é tua filha. É a mais velha?
 — É; a mais velha das minhas filhas.
 — Quantas tens?
 — Tenho só esta; mas não me podes negar que, por muitos filhos que eu tenha, esta será sempre a mais velha.

A filha: — O Alvaro diz que morre se eu o recusar.

O pai (sócio de uma Companhia de seguros): — Então, deixa-o morrer.

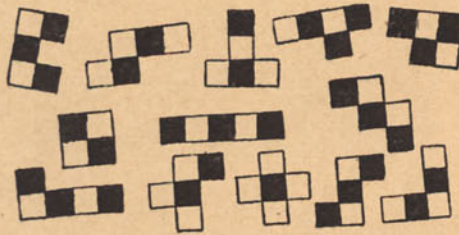
A filha: — Ó papá, mas não sabe que elle tem um importante seguro de vida lá na Companhia?



O TABOLEIRO DE XADREZ

(Problema)

Por um desastre qualquer, que não vem ao caso, um bonito e bom taboleiro de xadrez partiu-se nos fragmentos que a figura junta resumidamente está representando.



Ora o taboleiro tem concerto, embora não seja fácil a tarefa.

Querem os nossos leitores averiguar a maneira de recompô-lo, por forma a ficar como novo?



O professor: — Vamos a ver, menino Tomás. Qual é a metade dum terço?

O menino: — Ao certo não lhe sei dizer, senhor professor, mas deve ser uma coisinha de nada!

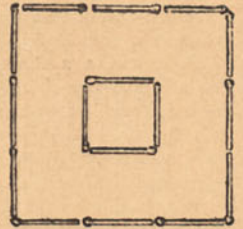


FRACA CONSOLAÇÃO

Ela (animadoramente, para o marido que está tentando concertar a cano rebentado da água): — Não teiales, querido; ainda foi um bem ser o da água quente!

PACIÊNCIA

(Solução)



Tirem-se os fosforos que formam os lados internos dos quatro quadrados dos cantos, e ficam, desta maneira, dois quadrados apenas, um no centro do outro.



Um rapazito acabára de ser vacinado e o médico estava tratando de lhe ligar o braço.

— Ponha antes a ligadura no outro braço sr. doutor — disse o pequeno.

— Não sejas tolo — disse o médico — a ligadura é para proteger o lugar doente e livrá-lo das pancadas dos teus companheiros.

— Ponha-a no outro braço, digo-lhe eu, — repetiu o rapaz com insistência. O senhor não conhece os rapazes lá do meu colégio.



Ela: — João, êsse fato não é o mesmo que trazias o ano passado?

Ele: — É, e é o mesmo que no ano passado me preguntáste se não era o mesmo que eu trazia no ano anterior.



SENDO O MELHOR GRAMOFONE

RECOMENDAMOS PARA OUVIR



A
NOSSA EXPERIENCIA está á
vossa disposição para a escolha do
modelo adequado a V. Ex.^ª

O «VIVA TONAL» COLUMBIA 1929
é o melhor gramofone que se conhe-
ce. Esta afirmação é baseada nas opi-
niões de eminentes musicos e peritos.
Não encontrará melhor por muito di-
nheiro que deseje gastar.

Convidamo-lo a OUVIR uma GRAFO-
NOLA COLUMBIA SEM QUALQUER
OBRIGAÇÃO.

Os nossos revendedores estão á vossa
disposição assim como os

COLUMBIAS PORTATEIS

Desde Esc. 750\$00 a 1.800\$00

MODELOS DE MESA

Desde Esc. 1.650\$00 a 1.800\$00

OUTROS MODELOS

Desde Esc. 2.400\$00 a 5.500\$00

AGENTES GERAES

P. SANTOS & C.^A L.^{DA}

Rua Garrett, 57-59-61

LEIAM

O maior êxito editorial da temporada, o magnífico documentário do mais alto interesse ::

A S U E R O

O MAGO DA MEDICINA

SUA VIDA, SUAS OBRAS E
SUAS CURAS À LUZ
DA VERDADE

UM DOCUMENTÁRIO IMPARCIAL
E SERENO

A TÉCNICA DA CAUTERIZAÇÃO
COM GRÁFICOS

POR

JOSÉ MARIA
DE BARBÁCHANO

COMPANHEIRO E CONFIDENTE
DO DISCUTIDO MÉDICO
E JORNALISTA EM SAN SEBASTIAN

(VERSÃO PORTUGUESA)

NÃO CONFUNDIR COM FOLHETOS DE ESPECULAÇÃO PUBLICADOS SIMULTANEAMENTE



UM BELO VOLUME COM
SUGESTIVA **ESCUDOS**
CAPA ILUS-
TRADA : : : **5\$00**

PEDIDOS ÀS

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA